

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

GIRLEI FABIANE SCHMITT DA SILVA

**AS TECNOLOGIAS NA VIDA DOS
IDOSOS QUE FREQUENTAM O
PROJETO DE INFORMÁTICA**

**Porto Alegre
2010**

GIRLEI FABIANE SCHMITT DA SILVA

**AS TECNOLOGIAS NA VIDA DOS
IDOSOS QUE FREQUENTAM O
PROJETO DE INFORMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):
Prof^ª. Dra. Liliana Maria Passerino**

**Porto Alegre
2010**

Dedicatória

A Deus, porque sem Ele nada aconteceria.

*Aos meus filhos, Rodolpho Inácio e
Theodoro Francisco, por terem dado um novo
significado à minha vida.*

AGRADECIMENTOS

A Deus que, com sua força infinita, permitiu que chegasse ao meu objetivo.

Aos meus pais, Ana Ilony e Inácio (in memoriam) que me deram a vida e os primeiros ensinamentos.

Ao meu marido Marcos, pelo amor e pela força durante o tempo em que estava estudando, cuidando carinhosamente dos nossos filhos.

Aos meus filhos Rodolpho Inácio e Theodoro Francisco que, em muitos momentos, não entendiam a minha ausência. Todo o meu amor.

Aos meus irmãos, sobrinhos e cunhados, por estarem ao meu lado nos momentos bons e não tão bons.

Aos professores do curso e, em especial à orientadora e grande amiga Líliana Maria Passerino que possibilitou a realização deste trabalho, orientando-me e conduzindo-me a novas aprendizagens com seu incentivo, paciência e dedicação.

Às colegas Eliana e Maria Regina, amigas e companheiras nesta caminhada, muitas vezes árdua, mas que nos uniu e nos ensinou muito.

À amiga Sandra Brandt Stein que carinhosamente auxiliou na correção e “perfume” deste trabalho.

À Direção do Colégio Imaculada Conceição, em especial à Ir. Irene Tereza Cavalli, que acreditou no Projeto para a Terceira Idade.

Aos meus alunos-idosos do Projeto que muito contribuíram para a realização deste trabalho. Obrigado todo especial a vocês.

À amiga e colega Elisabete Boelter e meus monitores Marco Antonio Habitzreuter e Ana Carolina de Oliveira que trabalharam em parceria com os idosos.

Enfim, a todos que, de uma forma ou de outra, colaboraram nesta minha caminhada.

RESUMO

O trabalho apresentará um estudo realizado com 10 idosos, com idades entre 60 a 86 anos, participantes do Projeto Tecnologias de Informação e Comunicação com a Terceira Idade, desenvolvido para pessoas da comunidade, em uma instituição privada, localizada a 60 km de Porto Alegre/RS. Sabemos da necessidade da utilização da informática nos dias de hoje. A tecnologia computacional tem mudado a prática de quase todas as atividades, das científicas às de negócios até às empresariais. O grande avanço tecnológico atual, as redes de computadores, em especial a Internet, que permite conectar pessoas espalhadas pelo mundo todo, tem sido o novo impulso e a nova promessa em direção ao uso da tecnologia de computadores para um entendimento mais amplo de Educação e da consciência de sermos “cidadãos do mundo”. A partir desse avanço e sentido a necessidade de oferecer algo inovador, a instituição propiciou à Terceira Idade a visão de ser um ativo na atualidade, contribuindo com suas vivências, explorando a realidade e criando alternativas.

Palavras-chave: Terceira idade – Tecnologia – Internet.

ABSTRACT

The paper will present a study realized with ten elderly people, aged between 60 to 86 years old, participants of the Project: Technologies of Information and Communication with the Seniors, developed for people in the community, in a private institution, located 60km from Porto Alegre/RS. We know the necessity of using computer nowadays. The computer technology has changed the practice of almost all activities, from the scientific to business until the company business. The great technological advance, the computer networks, in especial the Internet, which allows to connect people around the world, has been the new impulse and the new promise toward the use of computer technology to a larger understanding of Education and of the conscience of being “citizens in the world”. From this breakthrough and feeling the necessity of offering something innovative, the institution provided for Seniors the vision to be active nowadays, contributing with their experience, exploring the reality and creating alternatives.

Keywords: Seniors – Technology – Internet.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 ENVELHECIMENTO HUMANO.....	11
2.1 Aspectos Biopsicossociais do Envelhecimento	13
2.1.1 Aspectos Biológicos.....	13
2.1.2 Aspectos Psicológicos.....	15
2.1.3 Aspectos Sociais	18
3 IDOSO FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS	26
4 PROJETO: TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COM A TERCEIRA IDADE.....	32
5 METODOLOGIA DE PESQUISA	38
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS	39
6.1 Análise das Entrevistas com os Idosos.....	39
6.1.1 Perfil dos idosos.....	39
6.1.2 Categorias emergentes	41
6.1.2.1 <i>Inclusão Social/Digital</i>	41
6.1.2.2 <i>Aprendizagem Tecnológica e Cognição</i>	43
6.1.2.3 <i>Sociabilidade On-line</i>	44
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE A – Entrevistas	58
APÊNDICE B – Termo de Consentimento	60

1 INTRODUÇÃO

O grande avanço tecnológico, as redes de computadores, em especial a Internet, permite a conexão de pessoas espalhadas pelo mundo todo e tem se transformado num novo impulso em direção ao uso da tecnologia de computadores para um entendimento mais amplo de Educação e da consciência de sermos “cidadãos do mundo”.

A presente pesquisa tem com objetivo, investigar e analisar se as tecnologias influenciam na vida dos alunos-idosos participantes do Projeto.

Os idosos dos dias de hoje sentem a necessidade de se inserirem neste novo movimento que é a tecnologia da informação e comunicação (TIC). Sabemos que a nova geração percebe as tecnologias com muita intimidade, sem apresentar problemas com os meios eletrônicos, pois ocorre uma relação de identificação e fascinação entre ambos. No entanto, a geração de idosos de hoje sente-se analfabeta diante das novas tecnologias, revelando dificuldades em entender a nova linguagem e em lidar com os avanços tecnológicos, até mesmo nas questões mais básicas como os eletrodomésticos, celulares e os caixas eletrônicos instalados nos bancos (KACHAR, 2003).

Cada vez mais a tecnologia faz parte de nossa vida, em todos os momentos: no trabalho, no lazer, nos meios de comunicação e, especialmente, no processo ensino-aprendizagem. Os conhecimentos da Informática são um caminho para combater a exclusão social que as pessoas idosas vivenciam, é um espaço de comunicação e troca com pessoas de todo o mundo e, também, de aprendizagem constante.

Sabe-se que essa exclusão ocorre com base em critérios econômicos e éticos. Poder-se-ia ir mais longe e dizer que estes setores são excluídos por serem vistos como setores fracos ou “deficientes” dentro da concepção de deficiência, que implica na falta de algo ou alguém incapaz, improdutivo e menos cidadão.

Seguindo este raciocínio, tais setores são excluídos por não serem interessantes do ponto de vista do lucro e, porque não dizer, por serem vistos até como estorvos ou setores decadentes. Ficam à margem por não produzirem bens e serviços e/ou por tampouco serem consumidores ativos numa sociedade capitalista.

Atualmente, porém, presencia-se na sociedade uma preocupação com a inclusão. Nesse contexto, algumas ações são movidas principalmente pelo interesse de mercado. Especificamente no que diz respeito às pessoas da terceira idade, por exemplo, o Brasil ainda conta com uma população predominantemente jovem, começando a ser visto como um país com um contingente de “velhos” e “velhos em potencial” (pois os jovens envelhecem) interessante, ao qual devem ser oferecidos bens e serviços de consumo atraentes para essa faixa etária.

Por outro lado, convém salientar que no movimento de inclusão também se inserem pessoas, profissionais e entidades verdadeiramente engajadas por razões éticas, de cidadania, e por acreditarem em uma sociedade mais justa, igualitária e humana.

Finalmente, cabe ressaltar nesta introdução, que a exclusão/inclusão passa também pelo acesso à tecnologia, numa sociedade revolucionada pelos grandes avanços nessa área. Em outras palavras, numa sociedade onde o maior valor é a informação e o conhecimento e o saber buscar tal informação e conhecimento, em estar informado e atualizado, é fundamental usar as tecnologias de informação e comunicação para “fazer parte”. Assim, no nosso entender, a inclusão social de setores populacionais excluídos passa também, necessariamente, pela inclusão digital. Os conhecimentos disponibilizados na Internet para as pessoas da terceira idade poderiam auxiliá-las no combate à exclusão sofrida nessa fase, possibilitando-lhes, ao mesmo tempo, vivenciar o agora, sem desprezar as experiências e os sentimentos já vivenciados. Por outro lado, o não-acesso à informação impede que as pessoas da terceira idade descubram as variedades de mídias disponibilizadas.

Segundo Palma (apud PASQUALOTTI, 2003):

Os institutos de educação permanente para as pessoas de terceira idade devem propor uma educação participativa que estabeleça o vínculo entre docentes e participantes, alternando os papéis de educando e educador. Paralelamente ao desenvolvimento dos trabalhos teóricos/práticos das oficinas e atividades acadêmicas, devem promover estudos que estimulam projetos de ação de pesquisa, principalmente com relação aos processos

cognitivos relacionados à aprendizagem do adulto (p. 42).

Para abordar o tema – as tecnologias na vida dos idosos que frequentam o projeto de informática – o presente trabalho contextualiza o envelhecimento humano e seus aspectos biopsicossociais, o idoso frente às novas tecnologias, cenário da instituição de ensino onde a experiência com pessoas da Terceira Idade foi desenvolvida, o relato da própria experiência e a análise dos dados. Finalmente, são tecidas algumas considerações finais.

2 ENVELHECIMENTO HUMANO

No século XX, criou-se o conceito de velhice, fruto, de um lado, da natural tendência de crescimento do interesse nas pesquisas e estudos sobre o processo de envelhecimento, que, diga-se de passagem, já se anunciava nos séculos anteriores. O envelhecimento e o aumento do número de idosos em todo o mundo vêm sendo observado mundialmente. (PAPALÉO NETTO, 2006)

Papaléo Netto (2006) ainda destaca que o termo velho era empregado para asilos, indigentes, pessoas sem condições de se manterem economicamente ativas. Já a palavra idoso estava atrelada ao *status* social. Portanto, eram considerados idosos aquelas pessoas pertencentes a uma camada social mais elevada, de famílias tradicionais e com suporte econômico suficiente para desfrutarem de certas regalias sociais, bem como era demonstração de serem economicamente ativos.

Com o passar do tempo, as reformas políticas e sociais e a regularização dos valores das pensões influenciaram o início de uma nova mudança na imagem dos indivíduos com as idades. Assim, passou-se a usar o termo idoso. Surge, logo a seguir, o termo aposentado, que vem complementar a nomenclatura “idoso”, evidenciando o significado de pessoa com direitos trabalhistas e legais assegurados. Portanto, o idoso é uma pessoa com amparo do Estado, e o demarcador da utilização dos termos passa a ser fator cronológico e o item tempo de serviço. A denominação terceira idade surge para nomear esse novo grupo. (PAPALÉO NETTO, 2006)

De acordo com Mazo, Lopes e Benedetti (2001),

[...] o termo melhor idade originou-se de uma pesquisa realizada em Baltimore-USA, em 1958, onde ficou constatado que, com a idade, cada pessoa vai adquirindo características únicas e, nessa individualidade, está incluída a possibilidade de melhoria em qualquer setor (p. 56).

Segundo Mazo, Lopes e Benedetti (2001), a velhice é inevitável, faz parte da vida, portanto, o envelhecimento é um processo natural, contínuo e as transformações acontecem de modo que cada um envelhece com o passar de seu próprio tempo, ou seja, o envelhecimento é totalmente individualizado.

Apesar de o envelhecimento ser um fenômeno comum a todos os seres vivos animais, surpreende o fato de que ainda hoje persistem tantos pontos obscuros quanto à dinâmica e à natureza desse processo. Pode-se considerar o envelhecimento, como admite a maioria dos biogerontologistas, como a fase de todo um *continuum* que é a vida, começando esta com a concepção e terminando com a morte. Ao longo desse *continuum* é possível observar fases de desenvolvimento, puberdade e maturidade. (PAPALÉO NETTO, 2006)

A velhice e o envelhecimento são realidades heterogêneas, isto é, variam conforme os tempos históricos, as culturas e subculturas, as classes sociais, as histórias de vida pessoais, as condições educacionais, os estilos de vida, os gêneros, as profissões e as etnias, dentre outros elementos que conformam as trajetórias de vida dos indivíduos e grupos. O modo de envelhecer depende de como o curso de vida de cada pessoa, grupo etário e geração é estruturado pela influência constante e interativa de suas circunstâncias histórico-culturais, da iniciativa de diferentes patologias durante o processo de desenvolvimento e envelhecimento, de fatores genéticos e do ambiente ecológico. (NERI; DEBERT, 1999, p. 121)

Muitas vezes, acaba-se, sem querer, associando a velhice à improdutividade, à impotência e ao anonimato, o que acaba por dificultar as relações do idoso com o outro, com os filhos, com a sociedade. Assim, o idoso acaba perdendo uma importante arma contra o desamparo e a solidão: a cumplicidade, a possibilidade de ser escutado e de realizar trocas afetivas com a comunidade e a família.

No entanto, se os indivíduos envelhecerem com autonomia e independência, com boa saúde, desempenhando papéis sociais, permanecendo ativos e desfrutando de senso de significado pessoal, a qualidade de vida pode ser muito boa. (PASCHOAL, 2006).

2.1 Aspectos biopsicossociais do envelhecimento

2.1.1 Aspectos Biológicos

Com o tempo, envelhecemos, mas envelhecer não é, simplesmente, o passar dos anos. São as manifestações de eventos biológicos que ocorrem ao longo de um período. O envelhecimento não deve ser visto como uma doença, mas como um processo natural. De certa maneira, qualquer coisa nesse planeta envelhece com o tempo, não apenas os seres humanos. Do ponto de vista biológico, o envelhecimento é um processo característico dos seres vivos. Todos os organismos multicelulares sofrem alterações com o tempo. (ROBERGS; ROBERTS, 2002).

A maioria das funções fisiológicas decai com a idade, porém em graus diferentes. As causas para o envelhecimento humano ainda permanecem relativamente obscuras, mas parecem resultar tanto de forças internas como externas. Em alguns órgãos, como o cérebro, as células morrem e não são substituídas. Os vasos sanguíneos tornam-se progressivamente afetados pela aterosclerose e arteriosclerose, diminuindo, dessa maneira, o suprimento de oxigênio a todos os órgãos do corpo. Independentemente das várias causas do envelhecimento, a morte decorre de uma infecção ou do estresse ambiental que uma pessoa idosa não pode suportar. (TOURINHO FILHO, 2003, p. 112)

O envelhecimento imprime alterações naturais em todo o organismo, sendo que seu processo biológico traduz-se por um declínio harmônico de todo o conjunto orgânico, tornando-se mais acelerado a partir dos setenta anos de idade. As alterações no aspecto biológico são apresentadas através dos sistemas: cardiovascular, imunológico, endócrino, reprodutor feminino e masculino, músculo-esquelético, nervoso, respiratório, gastrointestinal, renal e as principais alterações nucleares, citoplasmáticas e teciduais. (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2001)

Segundo Mazo, Lopes e Benedetti (2001), as alterações fisiológicas que podem ocorrer na terceira idade se caracterizam pela diminuição da estatura, iniciando nos homens a partir dos quarenta, e nas mulheres a partir dos quarenta e três anos, mas pode ser observada, em alguns casos, após os sessenta anos. Supõe-se que isto ocorra devido a fatores diversos como: perda de água, enfraquecimento de grupos musculares, mudanças posturais e osteoporose. A pele fica enrugada (principalmente pela exposição ao sol), resseca, aumenta a pigmentação amarelada, há aparecimento de calosidades, o

odor corporal e a capacidade de cicatrização diminuem. Os sentidos, como a audição, paladar, tato, olfato e visão diminuem com o processo de envelhecimento.

Diante das modificações biológicas e fisiológicas no envelhecimento, algumas dificuldades relacionadas à eficiência motora são visíveis nos idosos como: subir escadas, caminhar e realizar certos movimentos com lentidão. Isto ocorre pela gradativa diminuição de velocidade, força, resistência, coordenação e flexibilidade. (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2001)

Segundo Jeckel Neto e Cunha (2006), o envelhecimento apresenta como única característica universal a ocorrência de mudanças ao longo do tempo, independentemente de terem ou não efeito deletério sobre a vitalidade e a longevidade. É preciso ressaltar, porém, que o tempo é uma variável independente. Em vez de usar o calendário para medir o envelhecimento, é preciso encontrar maneiras de usar as mudanças em variáveis fisiológicas importantes para medir o envelhecimento.

Quanto ao termo longevidade, apresenta como dificuldade principal a existência de diversidade de padrões de desenvolvimento e o tempo de maturação em diferentes organismos. Embora a literatura em biogerontologia, frequentemente, tome como longevidade o tempo transcorrido entre o nascimento e a morte, muitas espécies possuem desenvolvimento especialmente prolongado, ou longa existência em estados juvenis e breves períodos de vida adulta seguidos de rápida senescência. (JECKEL NETO; CUNHA, 2006)

Uma das capacidades que mais sofrem com o processo de envelhecimento aliado à inatividade física é a força muscular. A força é um fator importante para as capacidades funcionais. A fraqueza nos músculos pode avançar até que uma pessoa idosa não possa realizar as atividades comuns da vida diária (FLECK; KRAEMER, 1999).

A redução da capacidade funcional em decorrência da perda da força muscular pode resultar na internação em asilos. Nesse sentido, é fundamental manter a força conforme envelhecemos, haja vista que ela é vital para a saúde, para a capacidade funcional e a vida independente. (TOURINHO FILHO, 2003, p. 113)

É importante destacar que, à medida que a idade aumenta, cresce a possibilidade do desenvolvimento mais acentuado de doenças, o que se torna mais

preocupante para o próprio indivíduo e para a sociedade em geral. Por isso, Neri (1993) relata que a promoção de uma boa qualidade de vida na velhice não é somente uma responsabilidade individual, mas também uma questão sociocultural. Talvez o indivíduo seja realmente o maior gestor de sua qualidade de vida, porém é preciso que, no meio em que ele vive, existam condições para que administre seu viver com qualidade. A prática de exercícios físicos é muito importante para melhorar a qualidade de vida dos idosos.

Aqueles que estão preocupados com o declínio gradual de sua saúde e capacidades motoras, normalmente associadas ao processo de envelhecimento, devem se tornar mais ativos. No entanto, trabalhos científicos têm mostrado que indivíduos em boa forma física e nutricional podem ser até dez ou vinte anos mais jovens em sua idade biológica do que sua idade cronológica. (TOURINHO FILHO, 2003)

O processo de envelhecimento difere de uma pessoa para a outra. Há diversos fatores que influenciam o envelhecimento do corpo como o tempo: a hereditariedade e o meio em que se vive, o estilo de vida e as atividades físicas.

Embora não ocorra da mesma forma, nem na mesma época para todas as pessoas, não podemos negar que, à medida que o tempo se impõe, a execução do gesto motor se deprecia, a agilidade diminui, a plasticidade vai se tornando rude, a coordenação vai se tornando alterada pela falta do ritmo e da sequência natural dos movimentos, e isto passa a ser motivo de preocupação. Então, podemos dizer, chega uma hora em que a realidade natural e concreta da velhice é incorporada, e é, neste momento, que o significado do corpo se volta à funcionalidade. Já não é necessário um corpo belo, mas sim um corpo saudável (BLESSMANN, 2004, p.29).

2.1.2 Aspectos Psicológicos

Na velhice, ocorrem alterações psicológicas, pois as circunstâncias do dia a dia se modificam, surgindo novos papéis e novos problemas a enfrentar. O desconhecimento dessas modificações estabelece sérias dificuldades de adaptação a essa fase às quais podem associar-se a problemas decorrentes de situações mal resolvidas ao longo dos anos. (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2001)

No curso da vida, algumas modificações são peculiares da velhice. Silveira apud Mazo, Lopes e Benedetti (2001), ao revisar diferentes estudos, apontam algumas

tendências associadas ao passar dos anos: vida contemplativa, sem contudo significar depressão; expansão da espiritualidade e religiosidade; maior interiorização dos valores morais; aumento da solidariedade; redefinição da vida conjugal de muitos anos e da vida sexual; maior seletividade nos relacionamentos afetivos e sociais; os familiares são o principal foco de atenção; maior frequência de retorno ao passado; aumento da necessidade de ser cuidado e cuidar de outra pessoa; maior tolerância à rotina, mesmo com o decréscimo físico; as perdas físicas começam a ser observadas; aumento do número de óbitos de parentes e amigos. (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2001)

Blessmann (2004) destaca que para cada pessoa que conhecemos existe um corpo, e para cada corpo uma cabeça. Ressalta que, na velhice, para cada pessoa existe um corpo que envelhece e uma cabeça que se mantém jovem, pois, a cabeça é o lugar de resistência e negação da velhice, há muitas pessoas que só enxergam os outros envelhecidos, não a si próprios.

A cabeça é compreendida como a sede dos pensamentos, das emoções, da identidade, da personalidade e do comportamento, com a ideia de que tudo isso possa ocorrer desvinculadamente do corpo que é gordo ou magro, velho ou jovem, ágil ou lento. Esta situação nos leva a fazer uma distinção entre envelhecimento biológico e envelhecimento psíquico, entre o que acontece no corpo e o que passa na cabeça, o que não é tão simples, porque não podemos ignorar que exista uma relação entre ambos, e nem mesmo, que cabeça também é corpo (BLESSMANN, 2004, p. 31).

A falta de memória é uma das queixas mais frequentes entre os idosos. A memória recente, de curto prazo, diminui com a idade. Já a memória remota, por ser a responsável pela preservação das lembranças, exerce importante papel na preservação da identidade. (BLESSMANN, 2004)

Segundo Mazo, Lopes e Benedetti (2001), com o passar dos anos, os indivíduos desenvolvem uma imagem de si através da estrutura social em que estão inseridos. Criam limites próprios, relacionados às capacidades pessoais e à realização humana. Esses limites podem estar acima ou abaixo de sua real capacidade pessoal, podendo ocasionar ilusões ou frustrações. O prazer de achar defeitos em si e de se criticar a todo o instante demonstra sua insegurança, insatisfação e culpa, caracterizando uma baixa auto-estima.

A aceitação da velhice não como um sentimento, mas como uma etapa da

vida, implica em um reposicionamento de seus valores, implica em um voltar-se para dentro de si mesmo. A satisfação com a vida, elemento indispensável ao bem-estar emocional, pode manter-se elevada na velhice, especialmente quando os indivíduos estão empenhados no alcance de metas significativas de vida, que devem ser reformuladas de acordo com novos valores. (BLESSMANN, 2004, p. 33).

Segundo Both (2006), tão significativo quanto o potencial da sabedoria e da intimidade é o sentido para a vida. Há uma tendência permanente para a construção de significados, e o sentido para a vida é o foco aglutinador da densidade pessoal. As instâncias biopsicossociais do existir humano podem ser ressignificadas, tendo-se, em consideração, a competência pessoal e comunitária na criação de significados.

Portanto, as alterações psicológicas decorrentes da velhice devem ser enfrentadas com uma vida mais saudável, através da preparação e orientação sobre as modificações nesta fase, para que o processo de envelhecimento seja natural e com inúmeras possibilidades. (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2001, p. 65)

Para Mazo, Lopes e Benedetti (2001), o bem-estar psíquico do idoso está relacionado à possibilidade de manutenção de sua autonomia e independência. A dependência física, muitas vezes, acaba gerando uma baixa auto-estima e desânimo. É importante que o idoso se ajuste à realidade presente, atendendo as suas necessidades, levando em conta as exigências sociais e seu suporte relacional, consigo e com os outros. Os profissionais ligados a essa área devem se aperfeiçoar para atender a clientela dos idosos, seja na área motora, psíquica e social. O estudo da ciência e da psicologia também tem evoluído neste sentido.

Segundo Neri (2006), o estudo científico do envelhecimento pela psicologia é relativamente recente, em comparação com o estudo da infância e da adolescência. Uma razão para isso é que, por quase sessenta anos, desde o início do século XX, a psicologia assumiu que os anos da velhice eram anos só de declínio. O principal evento deflagrador dos estudos psicológicos sistemáticos sobre o envelhecimento foi o envelhecimento populacional que se evidenciou em meados do século XX e trouxe mudanças paradigmáticas para a psicologia do desenvolvimento.

A personalidade é um traço humano bastante complexo, ela compreende, entre outros conceitos, a identidade, a auto-imagem, o auto conceito e a auto-estima. Auto estimar-se é gostar de si mesmo. É gostar do que realmente é, aceitando suas

habilidades e limitações. Mas o homem não vive isolado, portanto, para gostar de si mesmo ele precisa do reconhecimento da sociedade, precisa saber se o seu desempenho corresponde às expectativas do outro (BLESSMANN, 2004).

Aqui se destacam as atividades em grupos de terceira idade, onde se dá preferência às atividades que se desenvolvem em contato com outras pessoas. Reúnem condições diferenciadas quanto a experiências de vida, relembrando o passado e, a partir daí, satisfazendo e melhorando a auto-estima. Segundo Mazo, Lopes e Benedetti (2001), os idosos, devido ao declínio do organismo, dão preferência a atividades menos exigentes e que requeiram menor esforço, sendo de grande interesse aquelas que se desenvolvem em grupos e em contato com as outras pessoas.

Segundo Neri (2006), são muitos os campos em que a Psicologia pode contribuir para o bem estar e a qualidade de vida dos idosos. Dentre estes, destacam-se as atividades grupais como os centros de convivência e programas educativos, que visam o aprimoramento de habilidades individuais e sociais.

Nesse sentido, envelhecer é uma experiência plural e não precisa necessariamente estar acompanhada de perdas, doenças e afastamento social. A possibilidade de uma velhice satisfatória é fato, mesmo na presença de incapacidades, pois as pessoas podem equilibrar suas limitações com suas potencialidades. (NERI, 2005)

2.1.3 Aspectos Sociais

Segundo Mazo, Lopes e Benedetti (2001), o posicionamento social do idoso tem diversas dimensões para serem avaliadas e observadas como: as relações sociais, as atividades sociais (sua frequência, natureza e qualidade); o suporte social (que tipo de ajuda se pode contar, caso necessário); a sobrecarga e o estresse que recaem sobre a família em geral e sobre o cuidador em particular, quando convivendo e cuidando de idosos fragilizados e dependentes.

Sabemos que nem sempre esses direitos são respeitados e cumpridos por lei, o que acaba causando insatisfação por parte dos idosos e afetando a sua qualidade de vida. O idoso, por não se constituir em mão-de-obra adequada para o trabalho, é desvalorizado e abandonado pelo Estado e pela sociedade. (Ibidem)

Quanto às atividades e relações sociais, um fato bastante importante e que muda, consideravelmente, a vida dos idosos é a questão da aposentadoria, a qual leva o indivíduo a se afastar de sua atividade profissional, podendo gerar um processo de depressão. A falta de ter o que fazer aumenta sua marginalização perante si mesmo, perante a sociedade e a família.

Para Vieira (1996 apud MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2001), a aposentadoria pode ser um marco no processo de envelhecimento, dependendo de como é vista e sentida por cada pessoa. Ela é um direito e não um benefício, e deve garantir a manutenção do nível de vida do cidadão, bem como o atendimento de suas necessidades.

Segundo Mazo, Lopes e Benedetti (2001), para neutralizar os sentidos negativos da aposentadoria, faz-se necessário fornecer conhecimento, preparação e orientação a seu respeito, visando à preparação psicológica do pré-aposentado para o enfrentamento dessas mudanças, através de um planejamento para a nova vida, em busca de sua satisfação pessoal.

No contexto sociocultural velhice é uma categoria social e velho continua sendo quem tem 60 anos ou mais. A idade cronológica não leva em consideração as diversidades entre os sujeitos e as experiências de vida, diferentes para cada um. Ela é apenas o tempo de vida, contando a partir do nascimento, mas que serve como demarcador social para o início da velhice. Com igual controvérsia se apresenta a aposentadoria atualmente, que pode ser considerada um marco para o início da velhice e mesmo assim ser vista com satisfação. A aposentadoria se impõe a todos, de forma que um discurso é construído para referendá-la, e as teorias são construídas a partir do que ela representa e das possibilidades de vivê-la de forma satisfatória. (BLESSMANN, 2004, p. 34)

O mundo caminha para o envelhecimento. Conforme dados das Nações Unidas (2007), o envelhecimento demográfico tem apresentado a seguinte projeção em todo mundo:

- * 1950: 214 milhões de idosos;
- * 1975: 350 milhões de idosos;
- * 2000: 610 milhões de idosos;
- * 2025: 1 bilhão e 100 milhões (para uma população global de 8 bilhões e 200 milhões).

Portanto, o Brasil está entre os países em que a transição demográfica ocorreu de maneira acelerada no final século XX e se acentua no começo deste século. A população brasileira transformou-se de jovem para adulta e com uma tendência ao envelhecimento rápido, considerando o incremento acentuado de pessoas idosas nos próximos 20 anos. (SALES, 2010)

Estudos apontam que a população que mais cresce entre os idosos é o grupo dos mais idosos, ou seja, aqueles com 80 anos ou mais. A autora enfatiza que em 1940 havia 1,7 milhão de brasileiros com idade igual ou superior a 60 anos e já em 2000 essa faixa de idade saltava para 14,5 milhões. Em 2002 essa população representou 9,3% de idosos com mais de 60 anos. Prevê-se que em 2020 o Brasil terá mais de 30 milhões de idosos que comporão 11,4% da população, o que representará uma forte pressão demográfica sobre o mercado de trabalho. Em 2030, estima-se que 40% de brasileiros deverão estar entre 30 e 60 anos. Já o grupo de crianças, jovens e adultos jovens mostra-se praticamente estabilizado a partir de 2005. Esse aumento vem modificando significativamente o desenho da pirâmide populacional, provocando o que os estudiosos chamam de retangularização. Essas mudanças são claramente visualizadas nos gráficos a seguir, que mostram a evolução desde 1980 até 2030 da proporção de idosos na população brasileira (CAMARANO, 2006).

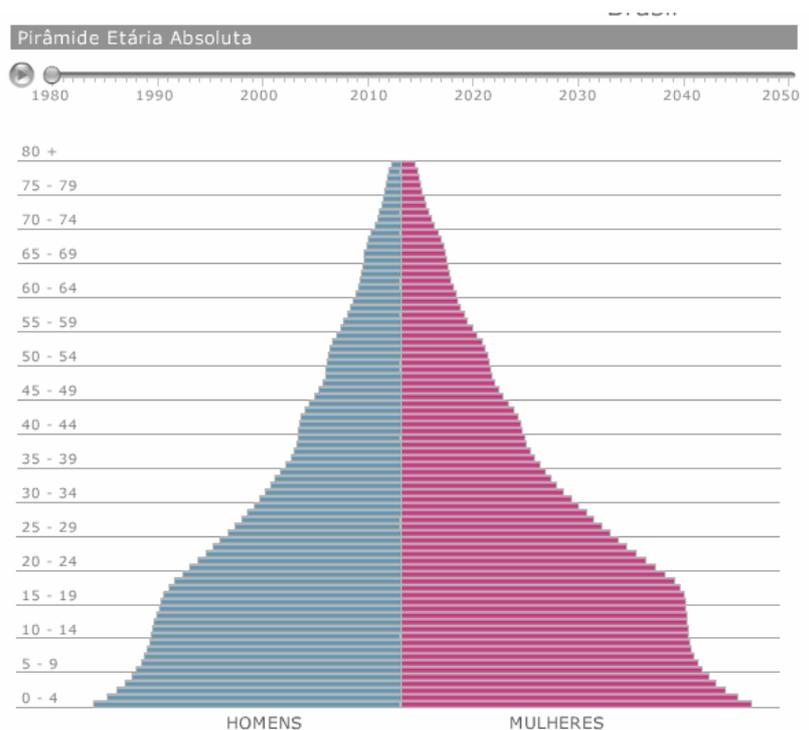


Gráfico 1: Pirâmide Populacional 1980 (IBGE, 2010).



Gráfico 2: Pirâmide Populacional 2010 (IBGE, 2010).



Gráfico 3: Pirâmide Populacional 2030 (IBGE, 2010).

Até pouco tempo, no Brasil, não havia muita preocupação com os velhos, pois acreditava-se que o número deles era pouco expressivo comparado com outras faixas etárias. Da mesma forma, não havia propostas adequadas para pensar e refletir sobre a

questão do envelhecimento no sentido de melhora da qualidade de vida. Porém, a realidade de hoje exige o desenvolvimento de programas especiais de atenção às necessidades sociais e de saúde desse grupo etário, inclusive uma questão demográfica, uma vez que estamos caminhando a passos largos para o envelhecimento populacional (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2001).

Os espaços educativos têm permitido às pessoas um momento de conhecimentos e mudanças no seu estilo de vida, sendo que o processo de viver em grupo estimula novas aprendizagens. É um momento de compartilhar as experiências pessoais, socializando com o grupo as suas incertezas e angústias, permitindo que os mesmos avaliem e reavaliem o seu viver. Os exercícios físicos podem ajudar a fortalecer o senso de bem-estar, fundamental para que os idosos continuem engajados com o mundo social e o mundo da informação. O treino da memória pode ajudar os mais velhos a organizar suas vidas e assim sentirem-se mais satisfeitos. A sabedoria e as especialidades são exemplos teóricos importantes das possibilidades compensatórias na velhice (BASSOLI; PORTELLA, 2004).

Segundo Neri e Debert (1999), a velhice normal seria caracterizada pelas perdas e alterações biológicas, psicológicas e sociais típicas da velhice, mas sem patologias; a velhice ótima, compatível com um funcionamento comparável ao de indivíduos mais jovens; e a velhice patológica, coincidente com a presença de síndromes típicas da velhice ou o agravamento de doenças preexistentes.

O padrão de envelhecimento normal diz respeito às mudanças típicas do processo de envelhecimento como: embranquecimento dos cabelos, o aparecimento de rugas, as perdas em massa óssea e muscular, o declínio em equilíbrio, força e rapidez e as perdas cognitivas (NERI; DEBERT, 1999).

O padrão de envelhecimento secundário diz respeito às mudanças causadas por doenças que são dependentes da idade, na medida em que o tempo vivido significa aumento da probabilidade de exposição a fatores de risco. Outra possibilidade de envelhecimento secundário diz respeito às doenças decorrentes de fatores intrínsecos de degeneração que se desenvolvem com um padrão temporal e não estão relacionadas aos padrões de envelhecimento normal ou primário. Temos como exemplos a Esclerose Múltipla, o Mal de Alzheimer e outros. (NERI; CACHIONI, 1999)

Para Neri e Debert (1999), o padrão de envelhecimento terciário diz respeito ao declínio terminal, na velhice avançada, caracterizado por um grande aumento das perdas num período curto, ocasionando a morte.

Na velhice o ser humano fica mais sujeito a perdas evolutivas em vários domínios, em virtude de sua programação genética, dos eventos psicológicos, biológicos e sociais característicos de sua história individual e dos eventos que ocorrem ao longo do curso da história de cada sociedade. No entanto, dizer que na velhice ocorrem mais perdas do que ganhos evolutivos não significa dizer que velhice é sinônimo de doença e nem que as pessoas ficam impedidas de funcionar. Viver significa adaptação ou possibilidade de constante auto-regulação, tanto em termos biológicos quanto em termos psicológicos e sociais. (NERI; DEBERT, 1999, p. 121)

Para Neri e Debert (1999), envelhecer bem depende do equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo, o qual permitirá que, com os diferentes graus de eficácia, ele venha a lidar com as perdas ocorridas com o envelhecimento. O idoso deve participar ativamente na sociedade em que está inserido, contribuindo com seus conhecimentos acumulados ao longo da vida.

Nos países em desenvolvimento, esse acontecimento do aumento populacional dos idosos resulta mais das tecnologias de saúde do que do próprio desenvolvimento. Como exemplo, têm-se vacinas e antibióticos que, inexistentes nas primeiras décadas do século passado, tornaram possível o tratamento de doenças que antes dizimavam populações inteiras. A Organização Internacional do Trabalho estima que, por volta do ano de 2020, nos países ditos industrializados, existirão em torno de quarenta aposentados para cada cem trabalhadores ativos. (MORANDINI, 2004)

No que se refere ao idoso, a família é considerada como o lugar de cuidados, proteção, afetividade, socialização e formação de personalidade. A função universal da família é de ordem biológica para preservar a espécie. Ela é uma importante rede de suporte para o idoso. Porém, muitas vezes, observa-se o uso da violência contra o idoso no meio familiar, ocasionada por um membro da família encarregado dos cuidados, e do qual o idoso doente e debilitado é dependente. (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2001)

Para Mazo e Gonçalves (1999) a prevenção da violência contra o idoso e a promoção de um ambiente familiar livre de maus-tratos, ou risco, depende da revelação da situação vigente, quando a família, na condição de vítima ou algoz, se encoraja a quebrar o silêncio que encobre a cumplicidade, ou seja, a denunciar a conspiração do

silêncio.

A família continua a ser a melhor garantia do bem-estar material e espiritual de seus idosos de acordo com o correio da Unesco (1982), para consolidar a solidariedade familiar, que se baseia nos valores morais e filosóficos das sociedades e das culturas, torna-se necessário o respeito mútuo entre as gerações. Esta solidariedade se fortalece pela transmissão de conhecimento e de capacidades, e por laços econômicos, sendo que não poderá ser exercida plenamente caso falte à família os meios materiais para satisfazer suas necessidades básicas. A pessoa idosa precisa viver em sociedade, com seus deveres e direitos garantidos, tendo participação e integração com outras pessoas, segurança, renda própria e cuidado adequado. (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2001, p. 70)

O bem estar do idoso deve contemplar igualmente e de uma maneira especial a sua interioridade psíquica e o seu horizonte espiritual. É necessário levar em consideração o universo dos afetos e das representações que preenchem o eu interior do idoso e ter presente os valores e os símbolos que dão sentido à sua existência (JUNGES, 2004).

Não adianta ter as melhores condições físicas, se o idoso fica isolado e marginalizado, sofrendo de solidão e inutilidade, não se sentindo valorizado. Por isso é importante a presença afetiva de pessoas, principalmente familiares, impedindo que o processo de envelhecimento desenvolva tendências ao isolamento. Outra iniciativa é a reeducação do idoso por meio de terapias ocupacionais que ajudem a descobrir formas sadias de passar o tempo e assumir atividades adequadas à idade. Trata-se de aspectos essenciais ao bem estar do idoso. (JUNGES, 2004)

No contexto pedagógico, devemos desenvolver abordagens pedagógicas específicas para idosos, a andragogia¹. Pois, fundamenta-se nas características da interação, necessidades e interesses, afetividade, experiência e ainda no uso da estratégia da pedagogia por projetos, a abordagem andragógica pode ser eficiente, atrativa e acessível, permitindo que as pessoas idosas superem medos e transponham eventualmente barreiras impostas pela rapidez da evolução tecnológica. A utilização da pedagogia por projetos pode ser uma estratégia de ensino muito interessante, pois

¹ O termo Andragogia surgiu para distinguir a aprendizagem de crianças da de adultos, visto que o termo “ped” deriva da palavra grega “criança” e “gogia” de aprendizado (arte e ciência de ensinar crianças). A aprendizagem do adulto, por sua vez, “andragogia”, é formado de “andra” provém do grego e significa homem (UNESCO, 2001). A “arte e a ciência de ajudar o adulto a aprender” foram apresentadas à comunidade científica em um *workshop*, em Boston, em 1960. (SALES, 2010)

oportuniza ao idoso-aprendiz a criação do seu próprio conhecimento a partir de suas iniciativas particulares, assim como a elaboração de um saber coletivo com os outros da mesma faixa etária. (SALES, 2010).

Devemos valorizar o que o idoso traz de melhor com a idade: a experiência e o conhecimento adquiridos ao longo da vida. Para que isso ocorra, uma das sugestões é utilizar-se da pedagogia por projetos, privilegiando as necessidades, experiências e desejos dos aprendizes idosos, porque eles sabem o que querem aprender.

3 IDOSO FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS

Nos últimos anos nossa sociedade vem sofrendo grandes transformações, principalmente na área da tecnologia de informação e comunicação. Neste contexto, presenciamos o surgimento de CD ROMs, TV a cabo, satélites, telefone celular, computadores e Internet, entre outros. A tecnologia invadiu as casas, empresas, instituições de todos os tipos, a sociedade, como um todo, está se tornando informatizada. Os recursos da imprensa, rádio, TV, telefone, fax, vídeo, computador e Internet são disseminadores de culturas, valores e padrões sociais de comportamento (KACHAR, 2003).

As crianças quando nascem apresentam múltiplas possibilidades de aprender e o meio que cada uma vive está carregado de significados. Desta forma, as significações e aprendizagens que ocorrem na vida de cada indivíduo fazem parte da constituição dos futuros cidadãos e profissionais da educação de nossa sociedade (DALL'OGGIO, 2010, p. 8).

As novas gerações apresentam familiaridade com o uso dessas inovações, interagindo com inúmeras tecnologias e tendo acesso desde muito cedo a componentes eletrônicos. São as gerações dos botões, dos controles. Constata-se, assim, que estas gerações não apresentam problemas com os meios eletrônicos, ocorrendo uma relação de identificação e fascinação.

No outro extremo, encontram-se as gerações mais velhas, os idosos, para quem o “bombardeio tecnológico” causa muita estranheza, medo e ou receio. Esta geração sente-se analfabeta diante das novas tecnologias, revelando dificuldades em entender a nova linguagem e em lidar com os avanços tecnológicos, até mesmo em questões básicas com eletrodomésticos, celulares e os caixas eletrônicos instalados nos bancos (KACHAR, 2003).

Kachar (2000) identifica:

A relação da imagem do idoso na sociedade vem se transformando lentamente, ainda sofrendo preconceito e exclusão. O termo “idoso” associa-se a aposentado, inativo e não produtivo. A sociedade propicia ao idoso uma situação cômoda, mas, ao mesmo tempo, reforça valores depressivos quando os considera desocupados e impossibilitados de realizar tarefas (p. 6).

As pessoas mais velhas, acima de 50 anos, por exemplo, apesar de possuírem um acúmulo de experiências, que só o viver propicia, e apesar de ainda estarem trabalhando, costumam sofrer preconceitos no local de trabalho no que diz respeito a sua eficiência num mundo tecnológico, pois sua relação com a tecnologia vista como um indicador de eficiência é posta em dúvida. Esse preconceito e a pressão social e profissional para que pessoas mais velhas se apropriem das novas tecnologias, como os mais jovens, faz com que entrem em um novo movimento rumo a uma maior alfabetização ou familiarização tecnológica, como constatado por Kachar (2003).

Os jovens de ontem encontram uma sociedade em crise de paradigmas que exige cada vez mais novos modelos educacionais, econômicos, sociais e políticos. As pessoas idosas são consideradas atrasadas, por serem vistas como incapazes de acompanhar essas mudanças (PASQUALOTTI, 2010).

Para Gouveia (apud PASQUALOTTI, 2005),

[...] um ambiente informatizado é, em primeiro lugar, um desafio lúdico que gera motivação, ponto fundamental para a aprendizagem e que pode ser reforçada pela interatividade, pela manipulação e controle do ambiente por parte das pessoas idosas. Isso permite ao sujeito sentir-se mais à vontade, dominando um universo que compreende. Embora sempre com o apoio do professor, num ambiente com essas características a aprendizagem é realizada pelo aluno. Também se pode afirmar que as dificuldades de aprendizagem são, nesses ambientes, mais fáceis de ultrapassar, já que a interatividade, a manipulação e o controle sobre o ambiente permitem uma adaptação ao tipo e ao ritmo de aprendizagem de cada um (p. 46).

Porém, Pasqualotti (2003, p. 45) lembra: “A sociedade moderna exige constante reciclagem e rapidez de raciocínio”, pois como ele mesmo ressalta, o idoso perde a rapidez, tornando difícil acompanhar o ritmo acelerado da sociedade.

A dificuldade de acompanhamento pode estar relacionada, também à resistência e desinteresse de uma parcela dos idosos, terminando por estigmatizá-los como “atrasados”, sem capacidade de apreensão de novos conhecimentos. Daí os problemas encontrados no trato com os terminais eletrônicos dos bancos.

Uma das características dos idosos é o medo de errar, proveniente da geração em que o errar era sinônimo de castigo. Neste sentido Kachar (2000), afirma: “o computador permite um leque de caminhos para lidar com uma mesma situação. Cabem ao indivíduo a descoberta e a escolha da forma de resolução através do tentar, errar e acertar” (p. 45).

De acordo com Kachar (2000),

[...] aprender por meio da descoberta há uma construção e apropriação do aprendido pelo aprendiz que o modifica. Esse descobrir é também a descoberta de si próprio, sentindo-se capaz de atingir seu objetivo, revelando suas potencialidades, individuais e singulares (p. 14).

Para Pasqualotti (2003),

[...] na terceira idade, a aprendizagem é compartilhada: todos verbalizam dúvidas, experiências, conhecimentos, conquistas e dificuldades. É o aprender superando-se por meio de desafios significativos, desvelando limites e possibilidades, rompendo fronteiras e desconstruindo ideias equivocadas sobre o computador e sobre si próprio (p. 46).

A relação do idoso com o computador, no primeiro momento, é difícil, pois lhe parece estranha a possibilidade de comunicação com o mundo e as pessoas através de uma “máquina”. Além disso, há uma gama de atividades básicas que ele precisa aprender, como a identificação do mouse e seu manuseio coordenado, as mensagens da tela e os comandos que precisa executar, envio de mensagens, busca de informações, entre tantas outras.

Tessari (apud MONTEIRO, 2010) destaca que há preconceito e diz:

[...] que a partir do momento em que eles tomam contato com a Internet, as facilidades de acesso ao conhecimento e a comunicação on-line com pessoas de diferentes regiões, parece que se abre um novo universo e o preconceito simplesmente desaparece diante da vontade de aprender e conhecer cada vez mais esta ferramenta maravilhosa (p. 1).

Para Kachar (2000):

[...] dominar o computador é um ritual de passagem para a modernidade... Há uma busca muito forte de inserção no movimento do mundo e em estabelecer diálogo com as gerações mais novas, representadas pelos netos que sentam para ensinar a vovó a mexer no computador e pelos filhos que

sentem orgulho das mães que avançam no desempenho com a máquina (p. 5).

Muitas pessoas da terceira idade sentem a necessidade de se inserirem ao meio cultural e informativo. E apesar dos sentimentos de medo e receio ao desconhecido e ao que julgam ser de “outros tempos”, saem em busca de cursos. Alguns para poder se comunicar com seus netos e filhos, nas diversas formas de comunicação, bem como a retirada de extratos bancários via rede. Outros por interesses pessoais de estarem bem informados e atuantes, pois ao contrário do que muitos pensam, a hidroginástica, dança de salão, trabalhos na comunidade como voluntários não são os únicos programas ou atividades que lhes interessa.

Por outro lado, há aqueles que simplesmente desejam poder divertir-se através de jogos (paciência, *free-cell*, etc.) e digitar textos para serem utilizados em trabalhos com seus grupos. Também poder elaborar mensagens, utilizando recursos de apresentação, refinando com imagens, fotos e letreiros diferenciados. Muitas vezes, a informática representa, para essas pessoas, um recurso contra a depressão, o tédio e a alienação.

É importante no atual contexto em que estamos inseridos, que os idosos de hoje e os do futuro tenham uma vida social ativa, que tenham acesso a todas as informações, a todos recursos, a todas as áreas do conhecimento, uma assistência digna e merecida para que assim sintam-se incluídos numa sociedade que realmente se preocupa com eles.

Segundo Both (2001), os educadores ainda não perceberam a longevidade humana como um fenômeno de substancial alteração no perfil humano. O mesmo autor também fala que a questão fundamental da reabilitação da memória reside no fato de se buscar os conhecimentos e sua respectiva fixação para a produção de recursos, conseguindo a pessoa inserir-se melhor em seu meio e, pelas aprendizagens, possuir uma representatividade mais viva na comunicação com o universo de sua comunidade.

A discussão sobre a entrada na velhice por idade, iniciada na Europa e nos Estados Unidos, começou com 65 anos, vinculada à idade da aposentadoria. O Brasil, na Constituição de 1988, usou a mesma referência, quando declarou o transporte municipal gratuito a partir dos 65 anos. No contexto da discussão sobre as diferenças entre o envelhecimento em países em desenvolvimento e em países desenvolvidos, foi

introduzida esta diferença com 60 e 65 anos. No Brasil, a Lei da Política Nacional do Idoso e, principalmente, o Estatuto do Idoso, ratificaram esta posição, usando, para o Brasil, a referência de 60 anos como entrada na velhice. Mas neste contexto convém também mencionar, que o envelhecimento é um processo com grandes diferenças interpessoais (entre as pessoas) e intraindividual (na mesma pessoa). Assim, as pessoas podem ter idades diferentes em relação a aspectos biológicos, psicológicos, calendários, sociais, etc.

King (apud KACHAR, 2003) nos dá uma visão alternativa:

O advento da tecnologia provê a pessoa da terceira idade com oportunidades para se tornar um aprendiz virtual, fornecendo educação continuada, educação a distância, estimulação mental e bem-estar. Ela possibilita ao indivíduo estar mais integrado em uma comunidade eletrônica ampla; colocá-lo em contato com parentes e amigos, num ambiente de troca de ideias e informações, aprendendo junto e reduzindo o isolamento por meio da experiência comunitária (p. 60).

Para Baldi (apud KACHAR, 2003), grupos de idosos que demonstram interesse em aprender a usar o computador, o fazem, mas necessitam do dobro do tempo dos adolescentes. Eles apresentam atitudes de aproximação e interesse em relação ao computador, vindos das experiências positivas na aprendizagem e domínio da máquina. Estas mudanças de atitudes ocorrem em decorrência dos participantes se sentirem:

- Mais familiarizados com a terminologia e a linguagem do computador;
- Menos excluídos dos progressos tecnológicos da sociedade;
- Menos apreensivos sobre o uso do computador;
- Mais confiantes nas próprias habilidades, para entender um computador.

Segundo Kachar (2003), no ambiente educacional, o aluno da terceira idade, tem a possibilidade de demonstrar seu potencial de produção, reconstruir sua auto-imagem e imagem pública, exercitando a cidadania.

A partir deste estudo percebe-se que os computadores e tecnologias da comunicação oferecem um potencial para melhorar a qualidade de vida da pessoa da terceira idade, provendo-a com as informações e serviços externos a sua residência. Outro potencial da informática é que pessoas idosas podem ainda manter relações sociais através da Internet, mesmo quando elas se tornam dependentes ou quando tem

dificuldades de sair de casa.

É interessante salientar que, ao procurar por um projeto de informática destinado à terceira idade, o que geralmente se encontra no mercado são cursos para alunos ou usuários de qualquer idade, sem levar em conta as especificidades dos aprendizes. Dessa forma, ensina-se Word, Excel, Internet e PowerPoint tendo como objetivo a ferramenta como fim, não como um meio para que essas pessoas possam desenvolver habilidades, atitudes e conhecimentos aplicados a outras áreas e muito menos através de metodologias contextualizadas da vivência do próprio aluno com interesses particulares, com experiências ricas a serem resgatadas e compartilhadas.

Os conhecimentos da Internet são links para o novo século e, além de ser um caminho para combater a exclusão social que as pessoas da Terceira Idade vivenciam, é um espaço de comunicação e troca com pessoas de todo o mundo e de aprendizagem constante, portanto, valorizarmos a experiência do idoso, despertando o seu interesse em retornar e a assumir o papel de cidadão da sociedade, é fundamental para nossa prática educativa (DALL’OGLIO, 2010, p. 9).

Algumas experiências já realizadas sugerem que a informática pode estimular a socialização, não substituindo a presença humana, mas podendo ser mais um paliativo para a solidão. As condições físicas e de dependência de familiares advindas do avanço da idade, para alguns, não significa impedimento para o uso do computador e o contato com o mundo, nem a interrupção das relações sociais estabelecidas através dele. Mas constata-se, paralelamente, que os sites dedicados à terceira idade ainda enfatizam o paradigma antigo. Isto é, abordam essa fase da vida apenas como sinônimo de decadência, e pouco estimulam as possibilidades existentes.

Partindo desse pressuposto, criaram-se vários cursos de informática para a terceira idade, buscando a compreensão e a criação de uma abordagem de interação com a máquina de acordo com as necessidades e as condições físicas. Atualmente encontramos várias universidades oferecendo cursos/projetos diferenciados para este grupo de pessoas. Porém, cabe destacar, que estas universidades se encontram em grandes centros, o projeto que apresentaremos a seguir é de uma instituição situada em uma cidade de aproximadamente 27.000 habitantes, 60 km da capital gaúcha.

4 PROJETO: TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COM A TERCEIRA IDADE

A Instituição em estudo, administrada por irmãs, localizada a 60 km da capital gaúcha tem como proposta uma Educação Libertadora, em busca do saber, do saber fazer e do saber ser, assumiu um Projeto pioneiro com o grupo da Terceira Idade, nesta localidade, com a temática: Tecnologias de Informação e Comunicação com a Terceira Idade.

Com o objetivo de proporcionar à “Terceira Idade” um desenvolvimento contínuo, oportunizando conhecer, vivenciar, refletir e discutir, o projeto foi pensado, no primeiro momento, para pessoas acima de 60 anos. Com o início das atividades, o interesse foi se estendendo para outras pessoas que estavam fora dessa faixa etária, mas muito curiosas e dispostas a encarar o “desafio de aprender”. É importante ressaltar que o grupo com mais de 60 anos aceitou as demais pessoas a se engajarem no grupo, já que o ritmo de aprendizagem dos grupos é diferenciado.

O Projeto da terceira idade busca investir na qualificação das pessoas, valorizando experiências e fortalecendo o sentimento de conquista e dignidade.

Os objetivos desse projeto são os seguintes:

- Proporcionar à “Terceira Idade” um desenvolvimento contínuo dentro do contexto global na qual está inserida;
- Possibilitar o desenvolvimento, através de um estudo teórico e prático, de uma fluência do mundo atual, oportunizando conhecer, vivenciar, refletir, discutir e atuar;
- Propiciar à terceira idade a visão de um ser ativo na atualidade, contribuindo com suas vivências, explorando a realidade e criando alternativas durante as

interações realizadas.

Os grupos eram compostos de pessoas de diversas ocupações e diferentes níveis de escolaridade, porém, durante as atividades, as diferenças não se mostraram relevantes. No grupo, a maioria era de aposentados que exerciam, antes da aposentadoria, as profissões de: funcionários públicos, bancários, professores, donas de casa, religiosas, militares, comerciantes.

O projeto iniciou em abril de 2005, com dois grupos de pessoas com idades entre 50 a 86 anos, 14 (1 homem e 13 mulheres) e 12 pessoas (2 homens e 10 mulheres) respectivamente.

No ano seguinte, formaram-se dois grupos, um grupo que já participava e um grupo novo. O mesmo se sucedeu até os dias de hoje. A partir de 2006, observamos o interesse de pessoas adultas mais jovens, fugindo da idade de pessoas consideradas de terceira idade e do foco inicial. As pessoas com menos de 60 anos (idade considerada terceira idade) se prontificaram a participar do grupo com pessoas mais idosas, pois não apresentavam dificuldades de engajamento, por sinal considerando muito positiva esta troca de experiência.

O presente estudo refere-se aos alunos-idosos que frequentaram o projeto no ano de 2010, com idade de 48 anos a 86 anos. Os grupos são formados por 18 alunos novos (2 homens e 16 mulheres) e 20 alunos que já frequentaram o projeto nos anos anteriores (1 homem e 19 mulheres).

Durante todos os anos, percebemos uma diminuição gradativa da quantidade de participantes, sendo que a desistência ocorreu por vários fatores, tais como problemas de saúde (consigo mesmo ou com um parente próximo), falta de comprometimento, dificuldade de compreensão e por questões profissionais. Nos primeiros meses do desenvolvimento do projeto, os grupos apresentaram muita insegurança, dificuldade, mas, acima de tudo, muita expectativa, curiosidade e vontade de aprender. Todas as dificuldades foram sendo vencidas e as expectativas superadas. O que no início parecia impossível, como o manuseio do mouse, tornou-se tarefa fácil nem se dando conta da quantidade de dificuldades ultrapassadas. Este processo deu-se em torno de quatro meses, sendo diferenciado o tempo individual para transpor este primeiro obstáculo.

Os grupos reuniam-se uma vez por semana, desenvolvendo atividades durante

1 hora e 30 minutos, no Laboratório de Informática da Instituição. O laboratório possuía, em 2005, 15 computadores e em 2010, 24 computadores.

O tempo de duração do Projeto é anual, sendo dos meses de março a dezembro. O Projeto para ter continuidade depende da equipe diretiva da instituição.

Os participantes exigiam muito do professor, pois necessitavam de auxílio individualizado o tempo inteiro, mostravam-se inseguros nas atividades, sendo necessários monitores (2 alunos – 1 da 6ª série e outro da 7ª série). No grupo somente duas pessoas já haviam trabalhado no computador, os demais não tinham conhecimento algum. As atividades eram explicadas em grande grupo com posterior auxílio individual. Observou-se que toda a semana o grupo exigia uma revisão da aula anterior, pois esqueciam e precisavam relembrar.

O projeto contemplava diversas atividades, de acordo com o interesse do grupo, mas as atividades iniciaram com programas de conhecimento básico de *Windows*, jogos (paciência, copa, *free-cell*, paciência *spider*), Microsoft Office (*Word*, *Power Point*) e Internet – atividades síncronas (*homepage*, MSN, comunidades sociais, *sites* de busca, etc.) e assíncronas (*e-mail*, fórum, etc.).

As atividades eram desenvolvidas de acordo com o ritmo e interesse dos alunos, mas os temas abordados foram trabalhados, em média, durante quatro aulas de 1 hora e 30 minutos cada uma. Todas as aulas, era feita uma revisão dos conteúdos anteriores e, em seguida, eram introduzidos novos. Desta forma, foi possível o aprendizado dos seguintes conteúdos: digitação de textos, elaboração de tabelas, criação de mensagens animadas e simples, conversas assíncronas e síncronas, entre outras.

O planejamento era discutido e estabelecido conjuntamente, professora e alunos, levando em consideração o interesse do grupo. A professora explanava sucintamente as ferramentas de cada conteúdo, para melhor compreensão do grupo e decisão sobre a inclusão ou não do programa do projeto.

Podemos afirmar que, com o passar do tempo, os alunos tornaram-se mais autônomos e seguros, esta segurança percebe-se claramente a partir do segundo ano que participam do projeto.

O idoso-aluno aprende melhor com aquilo que manipula e interage, destacando que toda a aprendizagem se dá conforme o interesse dos grupos, considerando os seus

interesses comuns, desta forma promovendo e estimulando a inclusão destes grupos na sociedade atual.

Sabemos que o computador representa, para os grupos, um desafio a ser desvendado e desmistificado, porém, a cada nova conquista percebemos um novo indivíduo, um indivíduo mais forte e confiante em si mesmo. Segundo Kachar (2003), o computador funciona como um espelho, que expõe o aluno-idoso às suas limitações, ao denunciar suas dificuldades, e reflete suas possibilidades nas conquistas e avanços com os recursos da máquina e a maneira como lida com essas circunstâncias.

O projeto desenvolveu uma metodologia de aprendizagem, que busca identificar as necessidades de informação e a construção do conhecimento através de diversos ambientes de aprendizagem presencial e virtual, na qual os alunos ampliam horizontes e possibilidades, sempre indo ao encontro do interesse dos idosos participantes no projeto. Consideramos o idoso-aluno o centro da ação- interação assim como seus pares.

Quando a educação está preocupada com o conhecimento para a ação crítica, o conteúdo a ser trabalhado e a metodologia aplicada devem ser construídos na reflexão, visualizando uma formação que facilite e instigue uma visão mais complexa de mundo, superando as limitações de um conhecimento fragmentado que, sabemos, é inútil para enfrentar a complexidade dos problemas reais do ser humano. Com um conhecimento que seja globalizado, integrador, contextualizado será capaz de enfrentar as questões e os problemas da realidade.

Como consequência, eles ganham não só conhecimento, mas também novas habilidades sociais, incluindo a habilidade de cooperar e colaborar com colegas e outras pessoas fora do grupo, utilizando as tecnologias síncronas e assíncronas.

Kachar (2003) enfatiza a importância de uma abordagem educacional de acordo com as peculiaridades dos idosos e exige imersão do professor neste universo, para compreendê-lo, e uma prática pedagógica específica, considerando as características físicas, psicológicas e sociais desta faixa etária.

Considerando as habilidades e potencialidades individuais do grupo, destacamos o interesse, a persistência e a disposição de querer aprender as novas tecnologias.

Percebemos os resultados desde os primeiros dias, quando se percebe as habilidades melhorando, na medida em que iam perdendo o medo do novo; alguns puderam utilizar as habilidades em casa, demonstrando um domínio da habilidade operacional do computador.

Destacamos que uma das maiores dificuldades dos participantes foi a conversação através de atividades síncronas, pois precisavam digitar mensagens para se comunicar, pela baixa escolaridade (Ensino Fundamental – séries iniciais) e o forte dialeto alemão, pois a cidade é de origem alemã e 70% dos participantes falam o dialeto. Para tanto, necessitávamos trabalhar o erro, encarando-o como uma forma de aprendizagem e não de constrangimento.

Segundo Doll (2010), o curso deve contemplar o atendimento que considere as prováveis dificuldades em relação a conhecimentos escolares, especialmente em relação ao uso da língua escrita.

O professor faz a mediação com as atividades do aluno, preparando o campo e o ambiente, propondo o acesso e a interação, seja com o computador, seja com outros alunos de outras tecnologias, provocando e facilitando as ações. Além disso, busca interagir, estimular e reorientar a atividade de aprendizagem (MEDEIROS apud PASQUALOTTI, 2003).

Esses ambientes precisam contribuir para o enriquecimento do processo educativo como gerador de interações, e não só como indicador de caminhos. Para isso, deve-se permitir e privilegiar o debate, sugerir inovações, apresentar tecnologias que possam influir positivamente no processo educativo (REIS, 2001, p. 2). Isso faz com que o aluno esteja no centro do processo, tendo poder para tomar decisões e gerenciar a sua própria aprendizagem (PASQUALOTTI, 2003, p. 54).

Os ambientes de aprendizagem possibilitam descobrir, por meio dos diferentes estilos de aprendizagem, quais são as sensações que o idoso possui e quais são as que não o atraem.

[...] as instruções e os conteúdos passados aos idosos com o auxílio do computador podem levá-los a “entrar” em mundos por meio das imagens no monitor e a aprender com essas experiências. As informações podem ser apresentadas às pessoas idosas num formato interessante, que permite a sua participação ativa enquanto refletem sobre os próximos passos de trabalho e se ajustam aos níveis de suas habilidades. O autor afirma ainda que os ambientes de aprendizagem oferecem oportunidades para que o idoso

expresse a sua criatividade, pois ele pode analisar as experiências de sua própria vida real, podendo, dessa forma, produzir uma entidade abstrata que represente essa experiência no computador (PASQUALOTTI, 2004, p. 80).

O mesmo autor, na mesma obra, finaliza destacando que:

[...] os ambientes computacionais podem instigar o ‘aprender-a-aprender’ e o ‘saber-pensar’ na medida em que exigem raciocínio para que se possa manipulá-los. É consenso geral entre os pesquisadores que a exploração de ambientes informatizados com ferramentas e tecnologias adequadas é uma experiência significativa para todos os envolvidos. Contudo, mais importante que a exploração é a possível demonstração que os idosos terão ao usar a informática para construir expressões de seus conhecimentos e de sua imaginação (p. 91).

5 METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada com as dez (10) pessoas mais idosas participantes do projeto. A seleção ocorreu de forma espontânea. O único critério exigido para participar é que deveria ter mais de 60 anos. Dentre as 10 pessoas idosas selecionadas, convidamos três (3) familiares para responder a um questionário específico a eles.

Os idosos participantes foram submetidos a um questionário elaborado pela autora desta monografia (Apêndice A). As entrevistas ocorreram em uma sala reservada da instituição mantenedora do projeto e foram gravadas através de uma câmera digital, para posteriormente ser realizada a análise dos dados coletados.

Os familiares receberam o questionário para responder sobre a influência das tecnologias na vida da pessoa idosa, questionário elaborado pela autora da monografia (Apêndice A). O questionário foi enviado por e-mail ao familiar, que posteriormente retornou.

Seguimos os seguintes procedimentos para a realização da pesquisa. No primeiro momento, conversamos com o grupo sobre a presente monografia, apresentamos o assunto e os objetivos da mesma. A partir desta primeira abordagem, convidamos as pessoas com mais de 60 anos para a realização da entrevista individual, garantindo aos participantes sigilo absoluto das informações e a devolução dos resultados. Dentre estas pessoas, contatamos com familiares que tivessem interesse em participar de uma pesquisa paralela, na qual três demonstraram interesse em contribuir com a pesquisa.

A partir dos dados coletados, analisamos qualitativamente as informações levantadas e verificamos a influência das tecnologias na vida da pessoa idosa que frequenta o projeto de informática.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, realizaremos a análise e interpretação das entrevistas, de acordo com a metodologia, fazendo uma relação entre a literatura estudada e complementando com o posicionamento do pesquisador. Nesta entrevista, buscamos perceber a influência do projeto na vida dos idosos participantes. Para enriquecer a pesquisa, realizamos um questionário com três familiares dos idosos participantes do projeto.

6.1 Análise das entrevistas com os idosos

6.1.1 Perfil dos Idosos

A seguir traçaremos o perfil individual dos 10 alunos-idosos entrevistados participantes do Projeto de Informática.

EB, 86 anos, religiosa e professora aposentada, natural de Veranópolis/RS, mora na Casa de Longa Permanência das Irmãs do Imaculado Coração de Maria em Dois Irmãos, frequenta o projeto há 3 anos. EB é uma pessoa reservada, muito interessada e disposta a aprender sempre coisas novas, não apresenta dificuldades na interação com as tecnologias.

LM, 80 anos, casado com TM há 49 anos, militar aposentado, natural de Santiago/RS, nível sócio-econômico médio-alto, seu primeiro ano no projeto. LM é bastante comunicativo, simpático, no início o seu maior desafio foi o manuseio do mouse, pois tinha muita força na mão, poderíamos dizer que a sua motricidade fina não fora muito trabalhada. Mas, sempre está disposto a aprender sobre todas as tecnologias.

VD, 71 anos, casado, comerciante aposentado, natural de Cachoeira do Sul/RS, nível sócio-econômico médio, seu primeiro ano no projeto. VD participou em outro

momento de curso para idoso no bairro em que mora, mas destaca que foi por um curto espaço de tempo que pouco auxiliou. Tem bastante facilidade de assimilação, auxilia os demais colegas que tem dificuldade.

MD, 68 anos, solteira, funcionária pública aposentada, natural de Estrela/RS, nível sócio-econômico médio, participa do projeto há 2 anos. MD em sua entrevista, mostrou-se resistente as tecnologias, mas em aula participa e não apresenta grandes dificuldades.

VR, 67 anos, casado, professor aposentado, natural de Ivoti/RS, nível sócio-econômico médio, participa do projeto há 3 anos. Seu VR tem facilidade de aprender as novas tecnologias, as utiliza com frequência fora do projeto, isto se deve principalmente a sua participação ao projeto.

HS, 66 anos, casada, professora aposentada, natural de Palmitos/SC, nível sócio-econômico médio-baixo, seu primeiro ano no projeto. Demonstra bastante interesse em aprender, tem facilidade, porém destaca que sua maior dificuldade é não ter acesso ao computador fora do projeto.

TM, 66 anos, casada com LM, nunca teve atividade profissional, sempre trabalhou exclusivamente em casa, natural de Santiago/RS, nível sócio-econômico médio-alto, primeiro ano que participa do projeto. Dona TM bastante comunicativa, interessada em aprender tudo sobre as tecnologias.

MS, 62 anos, casada, secretária aposentada, natural de Dois Irmãos/RS, nível sócio-econômico médio, frequentou escola até a quinta série, seu primeiro ano no projeto. MS foi uma das participantes que obteve um crescimento considerável, com grandes mudanças em especial em sua vida fora do projeto, no primeiro mês adquiriu um notebook, mandou instalar internet e a sua facilidade com as tecnologias, sua segurança é destaque entre seus colegas do projeto e seus familiares.

NP, 61 anos, casada, enfermeira aposentada, natural de Venâncio Aires/RS, nível sócio-econômico médio-alto, frequenta o projeto desde julho de 2009. NP é uma pessoa bastante comunicativa, sempre envolvida com trabalhos voluntários, demonstra interesse e motivação para desvendar os segredos das tecnologias.

HR, 60 anos, viúva do primeiro marido e atualmente é casada, confeitadeira aposentada, natural de Maratá/RS, nível sócio-econômico médio, frequentou até o 5º

ano do colegial, participa do projeto há 2 anos. HR bastante interessada, sempre em busca de novos conhecimentos, menciona o projeto como um marco em sua vida, acredita que as tecnologias proporcionaram muito mais coisas do que simplesmente lidar elas sem receio, trouxeram novas possibilidades, novos sonhos, como por exemplo, voltar a estudar

Após, conhecermos um pouco de cada entrevistado, apresentaremos a análise das entrevistas realizadas.

6.1.2 Categorias Emergentes

6.1.2.1 *Inclusão Social/Digital*

As tecnologias estão a cada dia mais presentes em nosso dia a dia, a pessoa idosa, que possui pouca familiaridade com as tecnologias, sente-se excluída da sociedade atual. Os entrevistados em estudo, venceram e vencem barreiras diariamente, pois se desacomodaram e foram em busca do projeto para desvendarem os mistérios das tecnologias.

Valente (2002, apud KACHAR, 2003), menciona que, em relação à área da Informática da Educação, a população idosa não estava sendo contemplada, pois a preocupação se dá somente com os frequentadores de ensino regular. O relato a seguir confirma que é possível “existir simbiose entre as pessoas da terceira idade e a informática” (Ibidem, p. 13).

<p>Cheguei até o projeto porque queria aprender, não sabia nem ligar o computador, e eu tinha uma curiosidade imensa de aprender e de entrar, né, aprender e me comunicar, porque to com computador na mão, e sabendo entrar na internet, tu tem o mundo na mão e tenho computador dentro de casa e não sei ligar. Falei com a Fabi primeiro e ela disse para ligar no colégio e daí eu vim, daí comecei e não parei mais. (NP)</p>

Confirmando esse interesse encontramos Kachar (2010) que afirma: “Os estudos apontam que o interesse dos idosos pela aprendizagem da tecnologia computacional está centrado no desejo de incluir-se no progresso social”. (p. 1)

EB quando diz: “A gente precisa sempre estar atualizada, a profissão exige, acompanhar a informática”, com seus 86 anos reforça as palavras de Valente (apud

KACHAR, 2003, p. 13):

[...] a educação não pode mais ser focada na preparação de indivíduos para um período específico da vida, ou seja, o trabalho, mas deve preparar as pessoas para aprenderem ao longo da vida, desde a infância até a terceira, quarta ou quinta idades.

Pasqualotti (2003) relata que: “A partir da terceira idade de vida, a felicidade depende mais de como se utiliza o tempo do que de qualquer outra condição. O idoso pode se dar o luxo de fazer só aquilo de que gosta, que é agradável, confortável e importante para viver bem” (p. 46).

Seguindo este pensamento, descreve que o idoso entra no mundo da Informática como uma necessidade de incluir-se no movimento sociocultural atual, alfabetizando-se na nova linguagem, e ampliar o seu universo de possibilidades de ser. O idoso que amplia o seu mundo projeta-se num universo global e dinâmico, se apropriando da tecnologia para provar sua potencialidade.

Neste mesmo sentido, as alunas-idosas HR e HS enfatizam que não querem ser consideradas analfabetas diante das tecnologias, pois:

[...] eu tenho netas, eu sou uma pessoa que eu tenho que correr atrás, [...] eu não vou ficar parada, eu sempre tive como objetivo estudar adiante [...]. Para me comunicar, tenho amigas na China [...], mexer a internet, este é um dos objetivos, mandar emails, tudo isso eu tive que ter o começo. A minha primeira profe que me ensinou a, e, i, o, u foi Dora Wickert, lá em Maratá e minha primeira profe de informática foi a profe Fabi [...]. Se eu procurasse outra escola, de repente eu iria me constranger, aqui as alunas são da mesma idade, é muito bom e eu quero continuar, não quero ficar parada [...] (HR).

Meus netos dizem que sou uma vó moderna e que está evoluindo. Eu era analfabeta, agora estou alfabetizada. (HS)

Os depoimentos acima reforçam o que Pretto (apud KACHAR, 2010, p. 1) nos diz: “O analfabeto do futuro será o indivíduo que não souber decifrar a nova linguagem gerada pelos meios de comunicação”.

Os idosos participantes apropriam-se de uma situação confortável, segundo Kachar (2003):

O indivíduo com mais idade observa o mundo e o progresso, dá-se conta do momento e vislumbra o futuro com a Informática [...]. Vendo a tecnologia instalando-se cada vez mais no processo de vida das pessoas, a decisão é

enfrentar, pois a alternativa é adentrar esse mundo ou ser excluído. (p. 153).

Em alguns depoimentos fica evidenciada a alegria em ter autonomia sobre determinados assuntos, como no depoimento de HM, quando se refere em buscar os conteúdos de seu interesse na internet, não tendo como único recurso tecnológico a televisão.

Antes, nem sempre tem os programas, como sou confeitadeira, bah, eu perdia o programa da Ana Maria e havia uma receita que eu gostaria de pegar, não sabia entrar na internet. Hoje não, entro na internet e olho o programa, vídeos, a receita e tudo. Anonymous Gourmet também, se não consigo olhar o programa entro no site, pego a receita e imprimo. Só não consegui ver a questão das fotos, isso quero aprender ainda. (HR)

As pesquisas destacam que o idoso tem interesse e possibilidade de conseguir domínio básico do computador. A aplicação tem sido mais para uso pessoal, distração, entretenimento e ocupação do tempo ou, mesmo, para resolver situações domésticas com a máquina, como gerenciar finanças. A tecnologia tem permitido a comunicação com outras pessoas como parentes que moram distantes e acesso às informações e às atualidades, incluindo-o no movimento de transformação social. (KACHAR, 2010, p. 1)

6.1.2.2 Aprendizagem Tecnológica e Cognição

No momento em que os idosos descobrem o mundo de possibilidades que as tecnologias oferecem, quando apresentam um certo domínio sobre elas, ficam encantados, motivados, conforme percebemos no depoimento dos idosos, quando convidados a refletir sobre as mudanças que as tecnologias trouxeram a sua vida.

Maravilhoso, me sinto outra pessoa. (VD)

Muito bem, muito, muito bem, já aprendi um monte, um monte entre aspas, mas aprendi. (NP)

Muito bem, é muito gostoso, muito bem, a gente foi criada na roça, na colônia, só tenho o primário, a quinta série [...]. Sempre ficava de olhos quando as minhas filhas e minhas netas mexiam no computador, eu não tinha nem ideia de como começar, nos primeiros dias achei bem difícil, mas estou acompanhando [...] (MS)

Eu gosto mais do aspecto de ter algo para fazer uma vez por semana, acho bom isso, ter uma atividade. (MD)

Kachar (2003) salienta o encantamento que os alunos-idosos sentem quando

são atraídos e seduzidos pelas descobertas frente ao computador, ficando perplexos com o que podem descobrir.

Os alunos da terceira idade, por vezes, estão distantes das carteiras escolares, das atividades profissionais, enfim, de ações que estimulem a mente. Para eles, o computador pode fornecer oportunidade de exercitarem as atividades intelectuais, atingindo a memória e o raciocínio lógico e abstrato, adquirindo informações e experiências que fomentem a construção de novos conhecimentos. (KACHAR, 2003, p. 156)

No depoimento de LM, percebe-se exatamente o que Kachar (2003) nos registra em seu livro, sobre as atividades intelectuais.

Porque é uma coisa muito boa, ajuda a pessoa na concentração, atenção, [...] até com a idade avançada desenvolveu mais o raciocínio, que a gente tá tendo, concentrado eu senti uma grande diferença, depois das aulas, especialmente no volante, eu era muito distraído, aliás, era não, motivado pela idade, a gente vai ficando com os reflexos um pouco lento, próprio da idade, então desenvolvi uma coisa fabulosa que é o reflexo, digo, ativei, estou mais ativo, observo mais as coisas [...] e o relax.

Entendemos neste depoimento que o simples fato de utilizar o computador, o aluno-idoso desenvolve várias habilidades, habilidades que o auxiliam em cotidiano, melhorando sua qualidade de vida.

Computadores e tecnologias de comunicação oferecem um potencial para melhorar a qualidade de vida da pessoa da terceira idade, provendo-a com as informações e serviços externos à sua residência. Esse tipo de benefício vem contribuir para facilitar a vida das pessoas que têm dificuldade ou dependem de outros para se deslocarem. (KACHAR, 2003, p. 62-3)

6.1.2.3 Sociabilidade on-line

Sé (2010a) escreve que: “Sempre é tempo de aprender coisas novas, mesmo com o avanço da idade é possível obter satisfação no trabalho, aprimorando suas capacidades e definindo metas. Sempre há tempo de romper com a solidão, com o isolamento e tornar-se um novo profissional, um novo estudante, se engajar em novas atividades, [...]”, o grupo participante do projeto está buscando aprender e romper paradigmas, os relatos abaixo confirmam as palavras de Sé:

Antes era uma coisa, agora é outra [...] agora tenho tudo nas mãos, posso mexer e conversar

com quem eu quiser [...]. Isto é importante [...], conversar tu não fica sozinho nunca. (NP)

O projeto modificou o meu cotidiano, sempre modifica, a gente tira um tempinho para ir na internet, ver emails, ler algum jornal, antes do projeto não chegávamos perto do computador, nem ligar. Nós aprendemos aqui, ligar-desligar, tudo que a gente sabe é graças a você. (TM)

A mídia coloca todas as vantagens de entrar nesse novo universo. A tecnologia começa a se tornar uma necessidade. É forte o sentimento de exclusão gerado pela tecnologia em todos os âmbitos sociais, mas na terceira idade é mais um elemento dentre outros. (KACHAR, 2010, p. 1)

No momento em que os alunos-idosos tiveram que falar sobre o uso das tecnologias, demonstraram mais entusiasmo e interesse pelas atividades relacionadas com a internet.

A Internet vem possibilitando esta abertura para os mais de 50, muitos já cansados e desiludidos com a realidade atual do país: a total mudança de costumes, o apelo sexual cada vez mais explícito na TV, a violência que nos empurra cada vez mais para dentro de casa (nosso "*bunker*"). Apesar de ser uma nova tecnologia, é possível, para eles, fazer uso da Internet para preservar seus hábitos e costumes e adquirir novos conhecimentos dentro do seu contexto de vida! (TESSARI apud MONTEIRO, 2010, p. 1)

Nos depoimentos das filhas de LM, TM e HR, exemplificam as palavras de Olga Tessari na entrevista concedida a Mariana Monteiro (2010).

Era uma vida habitual com as ocupações diárias de sua rotina, mas já havia uma solicitação pela busca de jornais e notícias na internet a qual era sanada por mim ou por meu filho (MMS filha de LM e TM).

Estava desmotivada. (AF filha de HR).

Em relação às comunidades virtuais, em especial Orkut, a grande maioria não as possuía no momento da entrevista; muitos mostraram-se interessados em fazer, outros não têm interesse e alguns mostraram receio em fazer, pois escutaram vários depoimentos contrários. A seguir alguns comentários realizados:

Agora já tenho Orkut, já sei entrar, tenho monte de amigas, amigas que mandam mensagens. Antes de comprar o computador, comprei um computador, comprei um computador pra mim, nos mês passado, eu tinha 360 emails, agora que comprei o computador só deixo 30 emails, tem muita coisa bonita para ver, que a gente nem tinha ideia. (MS)

Orkut não tenho, mas gostaria de fazer [...]. Minha irmã achou o meu irmão pelo Orkut [...], olha que tava difícil da gente achar, olha o computador é uma beleza, ficou mais fácil, mas também é

perigoso, ela dá medo na gente [...]. (NP)

As comunidades virtuais são uma das possibilidades de comunicação via internet, a grande maioria dos entrevistados utiliza com frequência a internet, para vários fins.

Uso para olhar resultados de esporte, Google Earth para ver cidades, localização, mapas, isso aí é o que me interessa. (VR)

Pesquisar gostou muito de pesquisar, to me virando [...]. (NP)

Email, utilizo pouco, ainda não domino nada, receber e enviar email [...] às vezes tenho que olhar as apontamentos para fazer alguma coisa. Nem tenho DVD, não tenho nada, nada, só tenho uma televisão ligada na tal Sky, que oferece também mil e uma possibilidade [...], mas também não entendo nada destas coisas, só o botão de liga-desliga e ponto, nada mais. (MD)

Também temos o outro lado, pessoas que não gostam e não apresentam muito interesse, mas continuam participando dos projetos. Em nosso projeto temos a aluna-idosa MD, que mostra empatia a tecnologia de informação e comunicação.

[...] MSN, posso ser sincera? (afirmação do entrevistador) eu não gosto, [...] foi a única coisa que não gostei, é de conversar no computador, eu não tenho necessidade de conversar com alguém bem longe, né. Mas assim, não gostei, todo mundo gosta, por que falo isso (ela se pergunta), mas eu não gostei, parece aquela coisa tão fria [...]. Até pode ser que venha a fazer, não to dizendo que não vou fazer, mas assim, oh, mas que eu gostei, mas o resto, tudo eu gostei, largo tudo e venho para minha aula. (MD)

[...], posso dizer que estou no século passado, uma coisa que tenho muita dificuldade em aceitar, não me atrai, não gosto, não tenho nada de tecnologia. Ainda agora sexta-feira, para coroar, a me abrir com estes botões, com estas tecnologias, estas coisas modernas, as colegas e amigas me deram de presente um celular, acho que eu era a única no Brasil a não ter, tá lá no armário, já levei um pito que não atendo que não to usando, quem sabe uma hora me convença a usar ele. Até agora não senti nenhuma falta, não senti nenhuma necessidade em usar aquilo, tá lá dentro do guarda roupa, não sei que horas vou tirar de lá. (MD)

Kachar (2003) identifica este tipo de sujeito quando diz:

Algumas alunas vêm porque não gostam do computador e, às vezes, nem de aparelhos eletrônicos e digitais de modo geral. Querem vencer esse sentimento de aversão, que pode ser ligado à dificuldade de lidar com máquinas e botões, com a própria tecnologia (p.159)

Pois, disponibilizando “o acesso da pessoa idosa na era digital possibilitará a manutenção de seus papéis sociais, do exercício da cidadania, a autonomia, o acesso a

uma sociedade dinâmica e complexa, mantendo a mente ativa” (SÉ, 2010b, p.1)

Em relação à autonomia em lidar com o caixa eletrônico, EB, que frequenta a Casa de Longa Permanência, relata: “Utiliza muito pouco os serviços de banco, pois tem outras que fazem este trabalho”. Neste mesmo sentido MD, diz: “Às vezes, me complico com aquelas coisas bem simples, são raras as vezes, mas às vezes me complico. Até me valho assim, para retirada de dinheiro de outras possibilidades como ir nestes caixas que existem em postos de gasolina, lojas para fazer saques que eu acho mais fácil, daí a pessoa do estabelecimento que faz isso”.

Os demais entrevistados consideram-se autônomos quanto à utilização dos serviços bancários em caixas eletrônicos e a NP complementa toda orgulhosa que auxilia as demais pessoas, conforme relato que segue:

Primeira vez o rapaz, me ajudou, aquele que fica lá [...], agora chego lá e ajudo os outros, tu só memoriza e vai fazendo, mas isso o computador me ensinou, se não soubesse mexer no computador, não saberia mexer lá. O medo, fui perdendo, eu tinha vergonha, o dia que pedi para Fabi, pelo amor de Deus Fabi, eu não sei ligar o computador, ela disse não faz mal, vai aprender a ligar o computador. (NP)

Em seu relato VR, coloca: “A minha dificuldade em caixas eletrônicos é o problema de visão, só enxergo para perto, sem óculos não enxergo nada, as letras dos terminais e das ‘maquininhas’ são muito pequenas”. Esta dificuldade foi uma das dificuldades apontadas por Peixoto (2005),

[...] as deficiências vinculadas à idade, três foram particularmente ressaltadas pelas pessoas entrevistadas: a diminuição da acuidade visual que dificulta a leitura das instruções inscritas nas telas dos terminais eletrônicos; a dificuldade em memorizar o código e os diversos procedimentos de validação; a utilização dos teclados. As dificuldades visuais e de amnésia levam as pessoas de mais idade a se afastarem dos equipamentos automatizados. (p. 76)

Alguns idosos-alunos colocam a questão do medo de errar no processo de aprendizagem, em alguns momentos o erro incomoda, não o aceitam, em compensação, quando arriscam e acertam, atingindo os objetivos sozinhos, irradiam muita alegria e satisfação consigo próprios. (KACHAR, 2003, p. 119)

Não tenho mais medo do computador, tenho algumas dificuldades, email, MSN, ontem mesmo recebi um email de uma colega de Santos, me enrolei, desliguei e fui dormir (risos). [...] estou mais interessada agora, sempre continuar, sempre atualizando. (EB)

Não, não, agora já estou pegando, não tenho mais o medo. (VS)

Para Fróes (1998 apud KACHAR, 2003, p. 121), “[...] analisando as relações cognitivas estabelecidas pela interação com a máquina, o erro é parte do processo de experimentar, ‘tatear’ na busca da construção e reconstrução do conhecimento”.

Como vou dizer, tu aprende mais, tu vê mais coisas que a gente não tinha antigamente, onde tu imagina que um micro-ondas esquentaria um prato de comida em dois minutos, que olharia na televisão que aconteceu lá em outro lugar [...], quando eu era mais nova, nem imaginava que iria ter isso. Ah, o computador, pode falar aqui, falar com meu afilhado no Rio de Janeiro, [...]. Para o ano que vem, vou fazer mais uma coisa, para aprender tudo direitinho [...], já estou pensando o que eu posso fazer. Eu já aprendi tanto, [...] faço até erros na escrita, eu escrevo como eu falo, troco muitas palavras, isso não impede de escrever [...]. (MS).

O idoso interessado em aprender vai em busca dos novos conhecimentos, como podemos observar no depoimento do sujeito:

Antes eu tinha computador, não tinha frequentado uma aula de informática, ia fuçando, fuçando, mas a gente não pega as técnicas para aprender mesmo, só frequentando um projeto uma aula para poder aprender, foi o que eu fiz e agora estou indo. A principio eu tinha um computador emprestado do meu genro, ele me deu uns cd de cursinhos e ali fui aprendendo e vim completar aqui. (VS)

As pesquisas neste campo têm desvendado e desmascarado estereótipos sobre a incompetência dos *adultos mais velhos*, mostrando que eles podem aprender a usar o computador, mas necessitam de aproximadamente o dobro do tempo que os *adultos mais jovens*. Os idosos apresentam atitudes de aproximação e interesse com relação ao computador decorrentes das experiências positivas na aprendizagem e domínio da máquina (BALDI apud KACHAR, 2003, p. 62).

LM, diz: “[...] a senhora começa a engatinhar, depois a senhora aprende a caminhar, daí vem a sequência, vira cambalhota, sobe na paralela [...], precisamos ter alguém para nos dar as mãos e nos apoiar em nossas dificuldades [...]”. Neste depoimento o sujeito ilustra como ocorre o processo de aprendizagem, precisando seguir um passo após o outro, destacando a importância de alguém para auxiliar neste processo. Relacionando esta fala com o projeto, a importância que ele transfere ao profissional que está mediando, facilitando, desafiando e orientando nesta caminhada, um profissional que tenha acima de tudo muita paciência e conhecimento do processo de aprendizagem de um aluno-idoso. A colocação da grande maioria é a mesma, para exemplificar segue um dos depoimentos:

Sabe por que a gente não mexe no celular? Porque não sabe lidar no computador, agora estou aprendendo, sei mexer no celular [...]. Abre portas para gente, ainda a gente ficando mais velha, se você não tem estas condições na mão, vai se sentindo pequena. [...] falo com os meus colegas, [...] ah, to triste, digo, vai fazer alguma coisa, não fica socado dentro de casa, jogando carta, vai fazer uma coisa [...], vai estudar, é não parar de estudar, tu vive, velho estuda, velho faz, velho só olha para trás, não olha para frente, ele não sonha. Ah, eu não quero olhar para trás, [...] quero para frente, senão vou ficar igual assim, né? (gesticula com as mãos) Ah, eu quero ficar velha, isso eu quero, mas não quero ficar com a mente fechada, ah, ficar com a mente fechada, bah! (NP)

Mas quando se referem à aprendizagem com auxílio de algum familiar, TM categórica da falta de paciência dos mesmos:

Para ensinar os netos são agitadinhos, vó é assim (demonstra com gestos, simulando estar com mouse na mão e executando de forma rápida) [...] da idade do meu neto, são iguais, eles não têm paciência, eles são todos agitadinhos, eles não têm aquela paciência, faça assim, depois assim. Assim! Ta, ta.. pronto, olha aqui vó, coisa mais simples vó. Nem consegui ver o que fizeram. (TM).

Kachar (2003) identificou a mesma queixa, quando coloca: “[...] a falta de paciência das pessoas para ensiná-las a mexer no computador. Quando pedem auxílio aos parentes, maridos, filhos(as) ou netos(as), as explicações rápidas demais, não conseguindo acompanhar e compreender o ensinado” (KACHAR, 2003, p. 157).

As mulheres participantes do projeto fazem parte de uma geração que era responsável pelos serviços domésticos, assumindo papéis de esposa e mãe, com o tempo dedicado à família, a parte de inovações tecnológicas, na grande maioria ficava para os maridos e para os filhos. (KACHAR, 2003, p. 175)

Hoje elas se percebem diferente, como aponta Lorenzetto (1998 apud KACHAR, 2003, p. 175), “[...] descortina na investigação do tempo livre das senhoras a descoberta e a conquista de um tempo para voltar-se à liberdade e à realização de projetos de vida. [...] estão liberadas da obrigação do outro e com possibilidade de investimento em si mesmas”. Seguem alguns depoimentos para ilustrar estas situações:

O depoimento de um aluno-idoso representa muito bem esta questão, quando a esposa fica responsável pelo afazeres domésticos.

Quanto às tecnologias, lá em casa tá repartido, a mulher é cozinha e lavanderia e os eletrônicos é comigo. Então, na cozinha eu não sei nada, máquina de lavar roupa também nunca usei e não sei como faz. Na TV ela senta e liga, se não tiver ali, eu preciso ir lá, DVD nunca ligou e não quer saber colocar e não quer saber, pior é isso. (VR)

No depoimento de MS, uma senhora que, depois de aposentada, tinha uma vida voltada somente para as responsabilidades domésticas, o marido, as filhas e os netos. Quando iniciou o projeto era bastante tímida, apresentando várias dificuldades, além de toda ansiedade natural do desafio, esta descoberta e investimento em si própria fica claro em seu depoimento e é reforçada pela filha em seu relato.

Minhas filhas adoraram, contam para as amigas delas, a MO (filha), coloca toda orgulhosa, mãe isso, ela me incentiva, procura isso, procura aquilo. Ela e eu combinamos senha, para falar de assuntos que nos que rodeiam, não precisam saber (risos). (MS)

Na entrevista com a filha de MS fica evidenciada a mudança:

Eu diria que a vida dela era “parada”, sem perspectivas de novidades, de mudanças, uma vida “rotineira”, sem graça. (MO filha de MS)

MO comenta de uma mudança muito importante na vida de MS, conforme relato abaixo:

Acho importante salientar que após o início do curso ela passou a ser mais interessada e mais motivada para aprender coisas novas. Está mais “esperta” para situações do cotidiano, mais alegre e mais disposta a aprender cada vez mais. Segundo algumas fontes de pesquisas médicas, para os idosos é necessário estimular novas áreas do pensamento para que não haja envelhecimento precoce dessa área, e eu acredito nisso. Minha mãe parece que rejuvenesceu com a participação das aulas. Acho importante salientar ainda que, de tanta vontade de ler e-mails, ver notícias, jogar os jogos, ela não se sente por vencida quando aparece alguma dificuldade, pega o telefone e liga para a neta ou para a filha para tirar as dúvidas, insistindo até obter sucesso. Isso, antes, ela não faria, aceitaria o problema e não tentaria solucionar. (MO filha de MS)

A filha de HR notou a diferença de comportamento em sua mãe, trazendo novo significado a vida dela.

Voltou a pensar no futuro, se sente útil. Perdeu o medo de lidar com aparelhos eletrônicos, até ajuda o marido no trabalho; com pedidos feitos via e-mail. Parabéns aos professores!!!

Seguem outros depoimentos dos alunos-idosos que comentam como os seus familiares perceberam as mudanças:

Meu marido adorou (risos). A turma toda gosta, porque sabe, a gente fica mais velha, a gente, hum, sabe? Mas eu não, me meto, sabe, vou me metendo em tudo, todo mundo gostou. As amigas, a minha turma, digo as minhas filhas, porque são mais novas que eu, elas adoraram. (NP)

Na entrevista do casal LM e TM, o casal parece mais comprometido um com o

outro, há um ar de cumplicidade, respeito e igualdade, pois trata-se de uma família tradicional, onde TM, em toda sua vida era responsável pelos afazeres domésticos e hoje, toda orgulhosa, participa do projeto.

“Acharam muita diferença” (LM). “Agora é outro assunto, tu sabe conversar” (TM). “A internet, usando para o bem é um espetáculo, mas agora tem gente que está se aproveitando” (LM). “Isso em tudo que lugar, na televisão tem a parte boa” (TM)

Em outro depoimento do casal nota-se a sintonia deles:

Estamos mais calmos, porque eu estou fazendo as minhas coisas que tenho para fazer e ele está no computador, lá em cima, fica aquele silêncio, aquela tranquilidade. Acho que a tecnologia na idade da gente, ela vem trazer um conforto e “acoplar” conhecimento, um conforto, tu senta ali, vai ler um email, uma mensagem de otimismo, uma coisa bacana, divertida, faz tu raciocinar (TM).

Na fronteira, a vida dos peões é uma rotina, [...] não exercitam a cabeça. A internet não é rotina, [...], mas o que a gente está assimilando, sempre tem coisas novas, questão de minutos, (LM).

A fala de LM e TM vai ao encontro o que sua filha percebeu, da importância na participação do projeto pelo casal:

Passou a se envolver diretamente com a tecnologia, agora solicitando auxílio apenas para solucionar dúvidas ou pedindo sugestões de como buscar determinadas informações, a produção de texto outrora feita por máquina de escrever ou manual agora passa para o computador, as tabelas de controle pessoal também estão tendendo a passar para o computador, o encanto pelas mensagens recebidas e a possibilidade de dividir conosco (filhos e netos) o uso da máquina, a navegação faz com que as horas passem mais rápido chegando a ir dormir mais tarde envolvidos com a atividade. [...] (MS filha de TM e LM).

Para finalizar a entrevista o casal relatou um pouco do que as tecnologias mudaram suas vidas.

Eu tenho impressão o seguinte, para conservar a jovialidade e outra coisa, a lucidez, a única coisa que posso dizer, compra computador e se inscreva na internet, digo uma hora por dia que vai mudar a vida dele muito, pode dizer até 100%. O projeto nos deu mais segurança para decisões (pensando), o conhecimento e cultura [...] (LM).

Acho assim que é muito importante para vida, porque a idade, não é documento [...], vivendo sempre e aprendendo, tu não sabe tudo, nem na cozinha, nem bordado, nada, tu tem que adquirir conhecimento e hoje em dia precisa tecnologia [...], para nós faltava esta parte. (TM)

Eu, por exemplo, agora fiquei mais ativo, agora ela (TM) precisa abrir os olhos, posso entrar na internet e pegar outro itinerário (risadas) (LM).

Ai que mora o perigo. Ah, não! Brinco com ele, vamos fazer juntos, “intico” com ele. Ah, não! Vou me encorajar e fazer junto o curso (TM).

Percebemos assim, que através da inclusão digital, a pessoa idosa sente-se mais confiante e atualizada, pois participa do mundo das pessoas que cresceram digitalmente, usufruindo dos mesmos recursos que estas utilizam em seu cotidiano, estando assim, inclusa socialmente.

Da mesma forma, a aprendizagem tecnológica proporciona a aquisição do conhecimento, bem como o reaprender e a descoberta de um mundo diferente do seu, que pertence às gerações mais novas, o que leva a estimulação do cérebro, tornando o idoso uma pessoa mais jovem mentalmente, ativa e participativa, tanto no convívio social como em sua vida pessoal.

A sociabilidade on-line, além de promover momentos de integração, interação, à pessoa idosa, faz com que ela pertença a grupos virtuais diferentes dos do seu cotidiano, pois os conhecimentos disponibilizados na Internet podem auxiliá-la no combate à exclusão sofrida nessa fase, possibilitando-lhe, ao mesmo tempo, vivenciar o agora, sem desprezar as experiências e os sentimentos já vivenciados.

O estudo em questão trouxe-nos a certeza de como as tecnologias podem auxiliar na vida dos idosos frequentadores do projeto, os alunos-idosos que atualmente estão no projeto não são mais os mesmos, são sujeitos mais confiantes, mais determinados, mais felizes, felicidade esta que está sendo percebida por eles próprios e seus familiares.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo e a análise que realizamos através das observações, pesquisas, entrevistas e registros, percebemos que houve uma aprendizagem significativa dos grupos. É conveniente ter presente, ao disponibilizar esse projeto, ritmo mais lento e tempo maior requerido para aprender. As limitações físicas e cognitivas costumam ser notórias, tornando-se necessário o uso de estratégias específicas para promover a apropriação de habilidades necessárias para a utilização do computador.

Com este trabalho percebemos que as tecnologias da comunicação oferecem um potencial para melhorar a qualidade de vida da pessoa idosa. Registramos comentários “riquíssimos” entre os participantes e seus familiares e podemos afirmar que o Projeto de Informática consegue modificar a sua maneira de ver as tecnologias e como elas podem influenciar suas vidas.

Sabemos que o computador representa, para os grupos, um desafio a ser desvendado e desmistificado, porém, a cada nova conquista, percebemos um novo indivíduo, um indivíduo mais forte e confiante em si mesmo. E esta confirmação ficou evidenciada nas entrevistas, a alegria de estar participando do projeto e eles próprios, bem como seus familiares perceberem suas mudanças.

Sabemos que o computador representa, para os grupos, um desafio a ser desvendado e desmistificado. Assim, a cada nova conquista, percebemos um novo indivíduo, um sujeito mais forte e confiante em si mesmo. Através das entrevistas, foi possível confirmar esse fato, uma vez que todos demonstraram a alegria de estar participando do projeto. Além disso, constatamos também que seus familiares perceberam mudanças significativas no seu comportamento.

O grupo adquiriu confiança, mostrou que é possível ressignificar o processo de envelhecimento. Não há como negar que a aprendizagem do uso do computador

representa um desafio para as pessoas idosas. O processo de aprendizagem acontece mais devagar, questões como uma menor escolaridade dificultam, principalmente, para lidar com a língua escrita e outros fatores, como a existência de um dialeto forte, podendo criar barreiras adicionais. Mesmo assim, estes aspectos, enquanto dificuldades consideradas difíceis de serem superadas, foram sendo trabalhados, transformando-se em problemas passados. Nesse sentido, a interatividade no grupo fez com que uns ajudassem os outros para superar essas dificuldades. As características positivas de cada aluno-idoso foram reforçadas e as experiências individuais enriqueceram o aprendizado de todo o grupo.

Por derradeiro, a inclusão digital se efetiva na medida em que a pessoa utiliza a ferramenta para melhoria da sua condição de vida, com conhecimento e informações, e não apenas com o acesso puro e simples ao computador.

REFERÊNCIAS

BASSOLI, Silvana; PORTELLA, Marilene Rodrigues. Estratégias de Atenção ao Idoso: avaliação das oficinas de saúde desenvolvida em grupos de terceira idade no município de Passo Fundo-RS. In: **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 29-35, 2004.

BLESSMANN, Elaine Jost. Corporeidade e Envelhecimento: o significado do corpo na velhice. In: **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 29-35, 2004.

BOTH, Agostinho. **Educação Gerontológica: posições e proposições**. Erechim, RS: Imperial, 2001.

_____. Longevidade e Educação: Fundamentos e Práticas. In: FREITAS, Elizabete Viana (orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, Elizabete Viana (orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

DALL’OGLIO, Adriana; BACKES, Cristiane; SANTOS, Michele Hoefling dos Santos. **Relatório do Projeto de Aprendizagem “Como utilizar a Internet com a Terceira Idade”**. Disponível em: <<http://www.humanas.unisinos.br/ambiente/pindividual/20011/disc/ie2/2420/aluno/9611342/hp/relat.doc>> Acesso em: 15 set. 2010.

DOLL, Johannes. A Inclusão Digital de Trabalhadores mais velhos – quais são os desafios? **Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, mar. 2004. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/renote/mar2004/artigos/24-ainclusao_digital.pdf> Acesso em: 01 out. 2010.

FLECK, Steven J.; KRAEMER, William J. **Fundamentos do Treinamento de Força Muscular**. 2.ed. Porto Alegre: Arte Médicas, 1999.

IBGE. **Projeção da População**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/piramide/piramide.shtm> Acesso em: 25 set. 2010.

JECKEL NETO, Emílio Antônio; CUNHA, Gilson Luis. Teorias Biológicas do Envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana (orgs.). **Tratado de Geriatria e**

Gerontologia. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

JUNGES, José Roque. Uma leitura crítica da situação do idoso no atual contexto sociocultural. In: **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 123-144, 2004.

KACHAR, Vitória. **A inclusão digital da população idosa**. Disponível em: <<http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/artigos/a-inclusao-digital-da-populacao-idosa.html>> Acesso em: 22 nov. 2010.

_____. **Terceira Idade e Informática: aprender revelando potencialidades**. São Paulo: Cortez, 2003.

MATSUDO; MATSUDO. Melhor Idade. **Revista Digital**. Disponível em: <<http://www.batistamontehermom.com.br/melhoridade.html>> Acesso em: 25 set. 2010.

MAZO, Giovana Zarpellon; LOPES, Marise Amorim; BENEDETTI, Tânia Bertoldo. **A Atividade Física e o Idoso: Concepção Gerontológica**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MONTEIRO, Mariana. **Idoso e Tecnologia 1: De braços dados com as novas tecnologias**. Disponível em: <<http://ajudaemocional.tripod.com/rep/id12.html>> Acesso em: 25 nov. 2010.

MORAGAS, Ricardo Moragas. **Gerontologia Social: Envelhecimento e qualidade de vida**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

MORANDINI, Jaqueline. A velhice uma Abordagem Social e Jurídica. In: PASQUALOTTI, Adriano; PORTELLA, Marilene Rodrigues; BETTINELLI, Luiz Antônio. **Envelhecimento Humano: Desafios e Perspectivas**. Passo Fundo, RS: UPF, 2004.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em Gerontologia**. 2.ed. Campinas: Alínea, 2005.

_____. **Qualidade de Vida e Idade Madura**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

_____. Teorias Psicológicas do Envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. In: FREITAS, Elizabete Viana. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

_____; CACHIONI, Meire. Velhice Bem-Sucedida e Educação. In: _____; DEBERT, Guita Grin (Org.). **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.

NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin. (org.) **Velhice e Sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas. **Plano de Ação Internacional contra o Envelhecimento**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

PAPALÉO NETTO, Matheus. O Estudo da Velhice: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. In: FREITAS, Elizabete Viana. **Tratado de Geriatria e**

Gerontologia. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PASCHOAL, Sérgio Márcio Pacheco. Qualidade de Vida na Velhice. In: _____.
_____. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PASQUALOTTI, Adriano et al. **Experimentação de ambientes informatizados para pessoas idosas: avaliação da qualidade de vida**. Disponível em: <<http://inf.unisul.br/~ines/workcomp/cd/pdfs/2989.pdf>> Acesso em: 15 set. 2010.

_____. Desenvolvimento dos aspectos sociais na velhice: experimentação de ambientes informatizados. In: BOTH, Agostinho; BARBOSA, Márcia Helena S.; BENINCÁ, Ciomara Ribeiro S. **Envelhecimento Humano: múltiplos olhares**. Passo Fundo, RS: UPF, 2003.

_____; PORTELLA, Marilene Rodrigues. Ambiente Vivencer: experimentação de ambiente informatizado para a construção de relações socioafetivas na velhice. **RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, p. 43-60, jan./jun. 2005.

PEIXOTO, Clarice Ehlers; CLAVAIROLLE, Françoise. **Envelhecimento, Políticas Sociais e Novas Tecnologias**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

PEREIRA, Renata Junqueira et al. Contribuição dos domínios físicos, social, psicológico e ambiental para a qualidade de vida global de idosos, **Revista Psiquiatria, Porto Alegre**, jan.-abr. 2006. Disponível em: <http://www.revistapsiqrs.org.br/administracao/arquivos/contribuicao_dominios_fisicos_28_01_06.pdf> Acesso em: 25 set. 2010.

ROBERGS, R. A., ROBERTS, S. O. **Princípios fundamentais de fisiologia do exercício para aptidão, desempenho e saúde**. São Paulo: Phorte, 2002.

SALES, Márcia Barros de. **Modelo multiplicador utilizando a aprendizagem por pares focado no idoso**. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEGC0029-T.pdf>> Acesso em: 25 set. 2010.

SÉ, Elisandra Villela Gasparetto. **Idosos: Aprender sempre**. Disponível em: <http://www.idosos.com.br/pag_atual_aprendersempre.htm>. Acesso em: 23 nov. 2010a.

_____. **Mente na Terceira Idade: Inclusão digital traz benefícios em qualquer faixa etária**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vyaestelar/inclusao_digital.htm>. Acesso em: 19 nov. 2010b.

TOURINHO FILHO, Hugo. Aspectos Fisiológicos do Envelhecimento. In: BOTH, Agostinho; BARBOSA, Márcia Helena; BENINCÁ, Ribeiro. **Envelhecimento Humano: Múltiplos olhares**. Passo Fundo, RS: UPF, 2003.

APÊNDICE A - ENTREVISTAS

Perguntas aos idosos

Nome:

Idade: Data de nascimento:

Naturalidade:

Profissão:

- 1 De que forma chegou a este projeto? Por quê?
- 2 Como você se sente frequentando as atividades?
- 3 Conte um pouco como é hoje sua relação com as tecnologias de que forma o projeto influenciou essa relação, como era antes?
- 4 Qual a sua autonomia hoje para desenvolver as seguintes atividades?
 - retirar dinheiro do caixa eletrônico [] sempre com ajuda [] faço sozinho [] não faço, prefiro usar o banco
 - enviar mensagens de texto no celular
 - enviar email
 - MSN
 - Orkut
 - Comunidades virtuais
 - DVD
 - Pesquisa na internet

- 5 Utiliza com que frequência as tecnologias fora do projeto? Quais tecnologias?
- 6 Modificaste alguma atitude em relação as tecnologias após a participação do projeto?
- 7 O que falam os seus familiares de você, percebem alguma mudança?
- 8 Relate algo que julgas interessante sobre as tecnologias.

Perguntas ao familiar do idoso frequentador do projeto

Nome:

Idade:

Naturalidade:

Grau de parentesco:

- 1 Como reagiste quando fulano decidiu frequentar o projeto?
- 2 Como era a sua vida do fulano antes de frequentar o projeto frente as tecnologias?
- 3 Relate algo que julgas interessante sobre as mudanças que as tecnologias proporcionaram ao seu familiar.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A pesquisadora Girlei Fabiane Schmitt da Silva, aluna regular do curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-Graduação lato sensu promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação da Professora Liliana Maria Passerino realizará a investigação sobre a influência das tecnologias na vida dos idosos que frequentam o Projeto de Informática, junto com alunos-idosos(as) participantes do Projeto: Tecnologia de Informação e Comunicação com a Terceira Idade e seus familiares no município de Dois Irmãos no período do dia 05/10 a 12/11 do corrente ano. O objetivo desta pesquisa é investigar a influência das tecnologias na vida dos idosos que frequentam o Projeto de Informática.

Os (As) participantes desta pesquisa serão convidados(as) a tomar parte da realização de uma pesquisa de cunho qualitativo estruturada com estudo de caso. As técnicas de coletas empregadas foram observação e entrevista.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

A pesquisadora compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (51) 3564-6510 ou por e-mail – fabiane.nho@brturbo.com.br.

.....
Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, inscrito sob o nº. de R.G. _____,

Concordo em participar nesta pesquisa.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Porto Alegre, ____ de _____ de 2010.